



**INSTITUTO SUPERIOR
DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NORTE**

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE

**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**As Práticas Educativas parentais em Crianças dos 0
aos 12 anos na Província de Benguela**

DOMINIO: PSICOLOGIA SOCIAL

ÁREA CIENTÍFICA: PSICOLOGIA

AUTORA: Maria da Glória Romão

2012

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE

**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**As Práticas Educativas parentais em Crianças dos 0
aos 12 anos na Província de Benguela**

DOMINIO: PSICOLOGIA SOCIAL

ÁREA CIENTÍFICA: PSICOLOGIA

AUTORA: Maria da Gloria Romão

“Dissertação apresentada no Departamento
de Psicologia do Instituto Superior de Ciências
da Saúde – Norte para a obtenção do grau de
mestre em Psicologia Clínica e da Saúde”

Orientador: *José Carlos Caldas*

2012

TEMA: PRATICAS EDUCATIVAS PARENTAIS EM CRIANÇAS DOS ZERO AOS DOZE ANOS DA PROVINCIA DE BENGUELA

RESUMO

As práticas educativas parentais são diferentes formas utilizadas pelos pais/encarregados de educação em situações diferentes com o propósito de educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos tanto com contexto int como extra-familiar. Assim, o objectivo deste trabalho é de identificar as práticas educativas utilizadas por uma amostra de pais/ encarregados de educação da província de Benguela. Neste projecto participaram um total de 450 pais, sendo 225 mulheres/mães e 225 homens/pais que possuem filhos com idades compreendidas entre os 0 e os 12 anos. O instrumento de medida para recolha de dados, foi o Inventário de Práticas Educativas Parentais (I.P.E.), de Machado, C., Gonçalves M. & Matos, M (2006). O IPE é composto por 29 itens agrupados em cinco dimensões diferentes, a saber; a) práticas educativas adequadas, b) práticas educativas inadequadas (não abusivas), c)práticas punitivas (com violência física aceitável), d) práticas emocionalmente abusivas (insultos) e e) práticas fisicamente abusivas (causar ferimentos). Os pais foram solicitados para que preenchessem o I.P.E., assinalando, numa 1ª parte, a frequência com, que utilizaram essas práticas no último ano, e, numa 2ª parte, se acham essas praticas adequadas ou inadequadas

Palavras-chave: **Praticas educativas parentais, socialização, criança e família.**

PARENTING PRACTICES IN CHILDREN UNDER 12 YEARS IN THE PROVINCE OF BENGUELA.

ABSTRACT

The parenting practices are different forms used by parents or caregivers in different situations with the purpose of educating, socializing and controlling the behavior of children both within or outside the family. Thus, the aim of this study is to identify the educational practices used by a sample of parents and other educational responsible of the province of Benguela. In this project participated 450 parents, 225 mothers and 225 fathers who had children aged 0- 12 years old. The measuring instrument for data collection was the de Práticas Educativas Parentais (IPE) from, Machado, C., Gonçalves, M. & Matos M. (2006). The IPE is an Inventory, composed of 29 items grouped into five different dimensions which are: a) appropriate educational practices b) inappropriate educational practices (non- abusive), c) punishment practices (with acceptable physical violence), d) emotionally abusive practices (insults) and e) physically abusive practices (e.g. to injure).

Keywords: Parenting practices, socialization, children and family

DEDICATÓRIA

O meu querido esposo, que sempre me apoio e incentivou, e, em todos os momentos estive ao meu lado, mostrando interesse para que o meu sonho se realizasse.

Os meus queridos filhos em especial a mais pequena “Tchissola” que nos momentos em que mais que precisou eu estava ausente, aos outros mais velhos me apoiaram e me compreenderam nos momentos mais difíceis.

O estimado Dr. Prof. José Carlos Caldas, que com muita perícia, mestria competência, profissionalismo e dedicação abriu meus horizontes no trabalho científico.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha boa saúde e por ter colocado n minha vida pessoas tão amáveis, compressivas, maravilhosas e especiais.

Ao querido esposo **JEREMIAS DUMBO “TCHILELEVIKA”**, que muitas vezes adiou os seus afazeres para me encorajar a prosseguir, nos momentos em que me sentia esmolecida.

Aos meus estimados filhos, por me terem compreendido, pois muitas vezes sentiram-se abandonados nos momentos em que mais precisavam do meu carinho e amparo em especial a **Cassula “Tchissola”**.

As minhas Irmãs que não pouparam esforços em arranjar bibliografias

Aos meus amáveis professores em especial o meu incansável orientador **Dr.Prof. José Caldas**, que creditaram em mim, e, com profissionalismo, competência e sabedoria abriram-me os horizontes de pesquisa. O meu eterno obrigado.

Aos meus colegas de serviço **Mário Alves** e **Valeriano Kataya**, pela ajuda e disponibilidade prestada.

Aos Administradores Municipais e aos pais/encarregados de educação participantes desta pesquisa pela sua colaboração, pois sem eles nada teria feito.

Por isso a todo que atrás enumerei e aqueles que indirectamente ajudaram para o êxito deste trabalho, o meu muito obrigado do fundo do coração, contarei sempre convosco.

Índice

I-INTRODUÇÃO	- 1 -
II- Enquadramento Teórico	- 4 -
1- Definição de Conceitos	- 4 -
2. Importância da família na educação dos filhos	- 5 -
3. As Práticas Educativas Parentais e o Desenvolvimento das Crianças.....	- 7 -
4- As Práticas Educativas Parentais Como Fatores de Proteção ou de Risco nas Crianças	- 13 -
III- Enquadramento metodológico.....	- 17 -
1- Objetivos gerais e específicos	- 17 -
1.1 -Objetivos Gerais.....	- 17 -
1.2- Objetivos Específicos.....	- 17 -
2- Questões de Investigação	- 17 -
3- Desenho e Método.....	- 17 -
4- Participantes	- 18 -
5- Descrição do Instrumento da Recolha de Dados.....	- 20 -
6- Procedimentos	- 20 -
7- Tratamento e Análise dos Dados.....	- 21 -
8- Apresentação dos Resultados	- 21 -
9- Discussão Dos Resultados.....	- 39 -
Conclusões.....	- 44 -
Bibliografia.....	- 45 -
Anexo A.....	- 47 -
Anexo B.....	- 48 -

Índice de Tabelas

Tabela 1- Distribuição da amostra por faixas etárias	18 -
Tabela 2- Idade (média, mínimo, máximo e desvio padrão)	18 -
Tabela 3- Distribuição por profissões.....	19 -
Tabela 4- Habilitações Literárias.....	19 -
Tabela 5- Estado Civil	19 -
Tabela 6- Frequências das práticas educativas	21 -
Tabela 7 - Frequências da classificação das práticas educativas.....	25 -
Tabela 8- Comparação de prevalência de práticas de maus tratos entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)	28 -
Tabela 9- Comparação de prevalência de práticas de maus tratos emocionais entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)	28 -
Tabela 10- Comparação de prevalência de comportamentos que podem ser fisicamente abusivos entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região do Norte).....	29 -
Tabela 11- Comparação de prevalência da punição física entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região do Norte)	29 -
Tabela 12- Comparação de prevalência de práticas educativas inadequadas entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)	29 -
Tabela 13- Comparação de prevalência de práticas educativas adequadas entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte).....	30 -
Tabela 14– Diferenças significativas entre pais e mães quanto a práticas educativas-	30 -
Tabela 15– Diferenças significativas entre pais e mães quanto á percepção sobre adequação de práticas educativas	31 -
Tabela 16– Diferenças significativas entre o estado civil quanto as práticas educativas..	31 -
Tabela 17– Diferenças significativas entre o estado civil quanto a adequação das práticas educativas	32 -
Tabela 18– Diferenças significativas entre as profissões quanto as práticas educativas...	32 -
Tabela 19– Diferenças significativas entre as profissões quanto a adequação das práticas educativas	35 -
Tabela 20– Diferenças significativas entre a faixa etária quanto as práticas educativas ..	36 -

Tabela 21– Diferenças significativas entre a faixa etária quanto a adequação das práticas educativas	- 36 -
Tabela 22 – Diferenças significativas entre as habilitações literárias quanto as práticas educativas	- 37 -
Tabela 23 – Diferenças significativas entre as habilitações literárias quanto á adequação das práticas educativas.....	- 38 -

I – INTRODUÇÃO

As diversas maneiras que os pais utilizam na educação de seus filhos desde a mais tenra idade, são cruciais para aquisição de componentes essenciais para a prevenção de problemas sociais na vida adulta, tais como problemas de interação, fracassos escolares, delinquência e outros, bem como a promoção daqueles que garantem a auto-estima, segurança, independência, responsabilidade e outros.

Nos últimos tempos os Psicólogos e outros profissionais ligadas á ciências que têm o homem como objecto de estudo, apresentam grandes preocupações em entender os fatores que desencadeiam comportamentos considerados adequados ou aceites pela sociedade e os inadequados ou reprováveis pela sociedade. Pesquisas apontam que para o surgimento de tais comportamentos, joga grande importância a relação pai-filho e principalmente as práticas utilizadas pelos pais na educação de seus filhos (Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz, 2002; Salvo, 2003; Gomide, 2004). Estes autores definem práticas educativas como estratégias utilizadas pelos pais com o objetivo de promover a socialização de seus filhos.

Segundo Gomide, (2006,p.8), as práticas educativas parentais, podem envolver tanto comportamentos pró-sociais quanto anti-sociais, dependendo da frequência e intensidade com que os pais as utilizam. Ainda mesma autora classifica as práticas educativas em: a) práticas educativas negativas (as que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais, como negligencia, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsciente e monitoria negativa) e, b) práticas educativas positivas (aquelas que promovem o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais da criança e do adolescente, tais como a monitoria positiva e o comportamento moral).

Diversas literaturas indicam alguns componentes essenciais para o desenvolvimento do comportamento pró-social ou adequados da criança e do adolescente, sendo o sentimento de culpa (Hoffmann, 1975; Loos, Ferreira, & Vasconcelos, 1999), vergonha (Araújo,1999), empatia (Faolcone 2000), acções honestas e acções generosas (Araújo, 1999; Comte-Sponville, 2000),crenças positivas sobre o trabalho (Mussen,Conger & Kagan, 1974) e ausência de práticas anti-sociais (Patterson, Reid & Dishion, 1992). Todos esses componentes desenvolvem-se no meio familiar.

O ambiente família tem grande importância no desenvolvimento da criança, pois a família constitui o primeiro agente de socialização e o local onde se desenvolvem os primeiros comportamentos das crianças. É a partir do processo de socialização a criança aprende comportamentos importantes que podem durar para toda a vida. É neste ambiente onde os comportamentos infantis podem ser modelados, pois o ambiente familiar é o mais predominante até a adolescência.

Das diversas literaturas consultadas sobre o tema, conclui-se que um dos objetivos das práticas educativas parentais é a socialização e a preparação para a vida futura do indivíduo. E a família, nas suas funções de socializar o indivíduo, estabelece comportamentos, hábitos, valores morais e culturais, normas e mecanismos de conduta, de acordo com a sociedade em que o indivíduo está inserido, pois a socialização varia de acordo com a cultura.

No decurso do processo de socialização os pais utilizam diversas práticas educativas, com o objectivo de fornecer todos os componentes necessários para a inserção dos filhos na sociedade. Tais componentes funcionam como estímulos discriminativos e reforçadores e proporcionam um vasto repertório comportamental.

Lahire (1997) lembra que o tal processo de socialização é mais eficiente quando há por parte dos pais velhos “*tempo e oportunidade de produzir os efeitos de socialização... de maneira regular, contínua e sistemática*”.

Em Angola, consultas feitas á volta do assunto encontramos alguma preocupação por parte do Governo angolano nomeadamente a Direção Nacional da Criança em colaboração com as suas Direções Provinciais no que diz respeito á protecção das crianças, preocupação com a delinquência infantil e juvenil. Também encontramos alguns livros de autores angolanos que falam sobre a atenção devida á infância e á adolescência (Pimenta M.E,A,R 2010). Porém não encontramos uma abordagem que fale concretamente das práticas educativas como tal. De igual modo, pesquisando o assunto em Benguela, vimos que pouco ou quase nada se fez para se poder identificar quais são as estratégias que os pais Benguelenses utilizam na transmissão de valores morais e culturais, hábitos, competências, assertividade, educação, socialização e controlo do comportamento das crianças e adolescentes, Uma vez que das práticas educativas parentais dependem o comportamento das novas gerações (educação, competência social e académica, assertividade, independência, autonomia, responsabilidade, agressão, delinquência, distúrbios psiquiátricos, problemas de saúde, problemas de défices cognitivos e emocionais),

Parte-se do pressuposto de a família é o principal instrumento educativo e a mais segura influência, e que uma boa base familiar contribui para a redução de comportamentos que levam as crianças a aderirem padrões de conduta inadequados e conducentes a comportamentos delinquentes. Já que, os exemplos de conduta e os valores inculcados nas crianças durante os primeiros anos de vida, jogam um papel preponderante nas suas decisões e condutas futuras e tem-se em conta que as práticas educativas têm o sentido de preparar as novas gerações para a vida social e para a vida no mundo;

Por isso, o estudo sobre o tema, revela-se de grande importância na esfera social e na educacional, pois poderá ser muito útil para as famílias, especialmente para os pais, que poderão perceber a grande importância de participar e envolver-se na educação e aprendizagem dos seus filhos, agindo adequadamente, com base a conhecimentos científicos, garantindo um desenvolvimento multifacetado das suas crianças; contribuirá para conhecer não só as estratégias utilizadas pelos pais/encarregados de educação, na educação de seus filhos, como também ajudará ao governo e outras estruturas sociais, a identificar se há crianças em risco e criar condições para melhor protegê-las. E não havendo nenhum estudo tanto a nível nacional como Provincial, também poderá contribuir para investigações futuras.

Entendemos que as práticas educativas são técnicas com ações contínuas e habilidades que são realizadas pelos pais/encarregados de educação, durante as interações intra-familiares com o fim de promover aos seus membros o desenvolvimento pessoal, bem como a aquisição de saberes, valores morais e sociais que possibilitam uma convivência familiar e social saudável.

Assim, o objetivo deste trabalho é de identificar as práticas educativas utilizadas pelos pais e encarregados de educação da província de Benguela em geral e comparar as práticas educativas parentais entre os pais e as mães, Benguelenses.

O trabalho de investigação está estruturado em: introdução, dois capítulos; conclusões, bibliografia e anexos.

No capítulo I, destinado ao marco teórico, que fundamenta o problema e objeto da presente investigação, destacam-se a revisão biográfica sobre o assunto e algumas definições conceptuais ligadas aos conceitos de práticas educativas parentais, socialização, criança e família.

No Capítulo II, faz-se a apresentação, análise e interpretação dos principais resultados obtidos.

A partir da análise teórica e prática sobre as práticas educativas parentais, foi elaborada as conclusões.

II- Enquadramento Teórico

1- Definição de Conceitos

Gomide (2006, p.7), define práticas educativas parentais como estratégias específicas utilizadas pelos pais em diferentes contextos, visando a educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos, tanto dentro como fora do ambiente familiar. Os pais ou responsáveis usam uma combinação de estratégias variando de acordo com a situação.

Hart, Nelson, Robinson, Olsen e McNeily-Choque (1998), dizem que as práticas educativas referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para atingir objectivos específicos em diferentes domínios (académico, social, afectivo) e sob determinadas circunstâncias e contextos.

Hoffman, (1994), cit in Hutz, (2002), diz que as práticas educativas parentais, referem-se ao protótipo dos comportamentos manifestados pelos pais diante situações quotidianas específicas que envolvem oportunidades de interação entre a díade pai/mãe e filho

Reppold et al., (2002) definem práticas educativas parentais como estratégias utilizadas pelos pais com o objetivo de promover a socialização de seus filhos.

Zanoni (2004) cita as práticas parentais como tipos de interações que os pais estabelecem com a criança em diferentes situações.

Alvarenga (2001), diz que práticas educativas parentais como estratégias correspondem a estratégias que os pais usam com objetivos específicos em relação a seus filhos.

A família é definida como a constituição de várias indivíduos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, económicas e afectivas.

A Família é uma unidade social emissora e receptora de influências culturais e de acontecimentos históricos. Possui comunicação própria e determinada dinâmica.

Infância é o período da vida humana que vai do nascimento à adolescência, este período é definido, como aquele que vai desde o nascimento até os 12 anos, quando começa a adolescência.

Socialização é o processo através do qual adquirimos comportamentos, crenças e atitudes que são usados em diferentes contextos sociais (Durkin, 1995).

Socialização é um processo através do qual as crianças adquirem comportamentos, habilidades, motivações, valores, convicções e padrões que são características apropriadas e desejáveis em sua cultura (Necombe, 1999, p.338).

2. Importância da família na educação dos filhos

A família é a primeira instituição e o principal meio onde se promove a educação, crescimento, desenvolvimento de valores morais e culturais, afeto e emoções responsáveis por estruturar os indivíduos, pois, a partir dela o indivíduo aprende a inserir-se em outros meios. Uma das tarefas fundamentais da família é a socialização dos filhos, pois, desde o dia do nascimento da criança, os pais vão proporcionando um ambiente para a transmissão de valores sociais, costumes tradições e habilidades, com vista a assegurar a convivência social e a integração dos filhos na comunidade bem como a construção de padrões de comportamentos que o indivíduo irá utilizar em ocasiões futuras. Assim, a família é considerada como o principal agente da socialização. Ela tem não só o papel de educar os filhos mas também a função de orienta-los no sentido de desenvolverem de forma plena e integral suas potencialidades (MielniK, 1999).

A família na sua grande função de socializar o indivíduo, vai fornecendo os elementos de orientação sobre qual comportamento socialmente aceite, através de uma comunicação familiar afetiva e de exemplos práticos do modo de proceder. Alvarenga (2001), afirma que pela comunicação, os pais não só descrevem componentes naturais que mostram aos filhos as consequências que os seus comportamentos trazem para os outros, como também fornecem componentes para que os filhos saibam controlar os seus comportamentos e torná-los aptos na discriminação de tais comportamentos nas suas futuras relações. A família constitui o principal meio de estimulação dos padrões de relacionamento e competência social (Del Prette & Del Prette, 1999; Gomide, 2003 Silva & Marturano, 2002).

Por isso a família é considerada o principal instrumento educativo e a mais segura influência par o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade em geral.

O Comportamento dos pais joga um papel importante no desenvolvimento cognitivo, afectivo, emocional e psicológico dos filhos. Durante a infância, os pais devem utilizar estratégias educativas que levam ao desenvolvimento de tais aspectos bem como a

aquisição da autonomia, responsabilidade, competências e independência. (Alvarenga, 2000, Gomide, 2003).

A partir de situações educativas distintas, a família, mais concretamente os pais, usam a combinação de diversas práticas educativas, com o objectivo de promoverem comportamentos adequados e socialmente aceites, eliminando comportamentos inadequados (Alvarenga & Piccinini, 2001, Ceballos & Rodrigo, 2003, Gomide 2003).

Também no seio familiar, se desenvolve a personalidade da criança. Pois, nela, desde a mais tenra idade e de forma prolongada e intensa, a criança recebe comportamentos que vão influenciar no desenvolvimento da sua personalidade. Uma vez que durante o processo educativo parental não só se traçam padrões de convivência e habilidades sociais, mas também traços da personalidade, a partir da imitação e identificação com os pais por parte dos filhos..

Com o desenvolvimento social, hoje, a família carece de tempo para conviver e para comunicar. Por isso é necessário encontrar tempo para ouvir e para falar. O stresse do dia-a-dia, as preocupações profissionais e outros aumentam o distanciamento entre os membros da família. As crianças aprendem continuamente através dos seus pais, não só o que estes lhes contam, mas, sobretudo, pelo que vêem neles, como atuam, como respondem perante os problemas. As crianças observam e copiam o proceder dos seus pais perante a vida. Segundo Holden et al., 1998, dentro do contexto familiar a criança não é simplesmente um recipiente passivo que recebe as influências familiares, mais também agente, no sentido de participar das transações familiares.

Em Angola, durante a guerra, as famílias andavam quase que separadas, situação que fez perder muitos dos valores sociais e culturais, porque nessa altura até crianças ou adolescentes foram obrigados a participar na guerra. Alcançada a paz as famílias procuram a sua reunificação numa situação de pobreza extrema, em que ninguém tem quase tempo nenhum para sentar com os filhos e transmitir-lhes esses valores há muito perdidos. Outra situação, é o facto de que com o desenvolvimento dos meios de comunicação social, fruto da globalização, alguns adultos tornaram-se dependentes da televisão, internet, ficando horas e horas nos computadores esquecendo-se ou mesmo ignorando a função que têm para com os seus filhos, ou mesmo deixando de prestar-lhes atenção necessária para o seu pleno desenvolvimento. Por sua vez as crianças adolescentes e jovens, utilizam os mesmos canais de comunicação para aprenderem coisas fora do normal, e muitas vezes os filhos apresentam comportamentos anti-sociais para chamarem a atenção dos pais da sua ausência nas relações familiares.

A família desempenha um papel de extrema importância no desenvolvimento da criança, uma vez que é através desta que se constroem pessoas adultas com uma determinada auto-estima e onde estas aprendem a enfrentar desafios e a assumir responsabilidades. Deve assegurar a sobrevivência dos filhos, o seu crescimento saudável e sua socialização dentro dos comportamentos básicos de comunicação harmoniosa e salutar.

Segundo (Sternberg 2002, cit in Hutz, 2005 *p*, 13), a família é responsável pelo processo de socialização da criança, através dela, ela aprende comportamentos habilidosos e valores adequados e desejáveis em sua cultura.

A família, mais em especial os pais, direcciona a educação de seus filhos, para a promoção de comportamentos que garantam a independência, a autonomia e a responsabilidade. (Gomide, 2003).

3. As Práticas Educativas Parentais e o Desenvolvimento das Crianças

O tipo de relação que os pais estabelecem com seus filhos, desde os primeiros anos de vida, tem sido notado como um dos principais responsáveis do processo de desenvolvimento infantil. Por isso, as práticas educativas utilizadas pelos pais podem influenciar de forma positiva ou negativa no seu desenvolvimento (Carvalho & Gomide, 2005).

Como vimos, práticas educativas parentais são um conjunto de procedimentos que os pais/encarregados de educação utilizam para promover em seus filhos e educandos comportamentos adequados, aceites pela sociedade em que o indivíduo está inserido. Estas práticas incluem explicações, punições e recompensas. E delas depende o comportamento das novas gerações (educação, empatia, competência social e académica, assertividade, independência, autonomia, responsabilidade, agressão, delinquência, distúrbios psiquiátricos, problemas de saúde, problemas de défices cognitivos e emocionais)

O desenvolvimento social da criança, começa na familiar como primeiro núcleo da social por meio das práticas educativas. Isto é, os pais através das diferentes práticas educativas vão influenciando aos seus filhos, a desenvolverem padrões de conduta, crenças e atitudes que poderão ser usadas em outros contextos sociais. A família é um grupo social básico do indivíduo, determinante em seu desenvolvimento. (Robison, Haudes & Mantz-Simons, 2000, cit in Hutz, 2002, *p*, 12).

Vários autores da área de psicologia educacional, têm tratado as práticas educativas parentais de diversas formas.

Segundo Gomide (2006), as práticas educativas podem desenvolver comportamentos pró-sociais como anti-sociais, dependendo da frequência e intensidade com que os pais as utilizam. Esta autora afirma que as práticas educativas que desenvolvem comportamentos anti-sociais são as práticas educativas negativas: como a negligência, o abuso físico e psicológico, a disciplina relaxada, a punição inconsciente e a monitoria negativa. E as que desenvolvem comportamentos pró-social são as práticas educativas positivas. Estas, dizem respeito ações que provem o desenvolvimento de habilidades pró-sociais, como por exemplo o estabelecimento de regras claras e consequências para o não cumprimento das mesmas, destacando-se a monitoria positiva e o comportamento moral.

A monitoria positiva é a demonstração de afeto, carinho, apoio e amor pelos pais, especialmente nos momentos em que a criança mais precisa. Através do comportamento moral os pais transmitem valores com coerência, honestidade, generosidade, senso de justiça e empatia, ajudando a criança a discernir o certo do errado, tudo isto, ocorre por meio de uma relação familiar afetiva e através de exemplos positivos.

Para Gomide (2001) O comportamento moral é um processo de modelagem de papéis na identificação e nas interações humanas, referindo-se principalmente a normas e valores transmitidos através do modelo parental.

Gomide (2004), afirma que durante as relações pais e filhos, é importante que os pais reflitam junto às crianças sobre seus comportamentos, assim elas aprendem a se colocarem no lugar dos outros, promovendo o desenvolvimento da empatia, e consequentemente o comportamento moral.

Para Salvo e Silvares (2005) o comportamento moral dos pais pode ser considerado como uma prática preditora de atividades e competência social, e de comportamentos pró-sociais.

Assim, os repertórios comportamentais vão sendo desenvolvidos através das relações da criança com o ambiente, desde a mais tenra idade, onde os pais podem ser os melhores mediadores, proporcionando um ambiente necessário ao desenvolvimento infantil, ensinando a criança a ser íntima, empática, a se comunica e a expressar seus sentimentos, refletir sobre seus próprios desejos e a desenvolver seus próprios relacionamentos, favorecendo a discriminação e a aquisição de repertório moral, tendo como resultado comportamentos pró-sociais.

Segundo Senéchal-Machado (2002), as práticas educativas jogam um papel preponderante no desenvolvimento da personalidade da criança e da imagem que esta tem de si mesma. Por isso a personalidade da pessoa é resultado do conjunto de comportamentos aprendidos na decorrer da sua vida.

A negligência ocorre quando os pais não atendem as necessidades dos seus filhos. Como por exemplo não dar amor, carinho e afeto, necessário para uma relação pai-filho harmoniosa. Ou seja quando na relação pai-filho verifica-se, a agressão, vulnerabilidade, hostilidade, insegurança, a falta de calor amor afeto, etc. Como consequências dessa prática as crianças apresentar distúrbios de comportamento. E as crianças que apresentam este tipo de problemas na infância, são mais vulneráveis a envolverem-se em atos delinquentes e a enquadrarem-se nos grupos criminosos.

Outras pesquisas apontam que o comportamento anti-social ocorre com maior frequência em criança que vivem em um ambiente com pouca interação familiar e com elevados índices de negligência. (Kodato & Silva, 2002; Oliveira & Assis, 1999, cit in Hutz, 2005).

A punição inconsciente: muitas vezes os pais tendem a punir o comportamento dos filhos partindo do seu estado emocional ou seja de acordo com o seu humor. Tal fato acarreta consequências negativas para o desenvolvimento da criança. Pois ela não aprende a discernir se o seu comportamento é adequado ou não, mas sim aprende a discriminar o humor dos pais.

A monitoria negativa tem a ver com a fiscalização dos filhos por excesso e muitas instruções repetitivas. Na maior parte das vezes estas instruções por serem muitas não são cumpridas pelos filhos. Essa prática educativa parental tem como consequências um ambiente familiar desagradável, sem diálogo e stressante, onde os filhos evitam falar dos seus problemas. Vários autores (Hutz, 2002; Gomide 2002, 2005; Alvarenga & Piccinini, 2001; Ferreira & Marturano, 2002; Reppold, Pacheco & Hutz, 2005) chamam a atenção para o fato de que tais práticas educativas acarretam efeitos negativos para os filhos tais, como tendência de unir-se a grupos anti-sociais e logicamente, aumentam o índice de delinquência

A disciplina relaxada é quando os pais não fazem cumprir as regras estabelecidas. Isto é, os pais estabelecem um castigo ou regra e quando os filhos opõem-se ao cumprimento de tal castigo ou regra ou reagem de forma agressiva, os pais retiram o castigo ou a regra satisfazendo os caprichos dos filhos. Alguns autores (Gomide, 2008, 2004, Hutz, 2002) afirmam que crianças expostas constantemente a essas práticas encontram-se em

potencial situação de risco para o desenvolvimento de comportamento delinquente, já que comportamentos agressivos e de oposição encontram em tal prática campo propício para o seu desenvolvimento.

Um dos aspetos que caracteriza interação familiar no tocante as práticas educativas é a presença da inconsistência e da afetividade por parte dos pais. (Grusec & Lytton, 1988, cit in Hutz, 2002, p, 18). Segundos os autores, verifica-se a inconsistência quando um mesmo comportamento da criança é punido por um e recompensado pelo outro sem qualquer razão para tal, ou seja, quando não há um consenso educativo entre os pais perante certo comportamento da criança. Esta forma de agir não permite a criança identificar quais são os padrões de comportamentos esperados e adequados. A afetividade é caracterizada com um elemento importante nas relações pais e filhos e da socialização. Baunrind, 1997, cit ini, Hutz, 2005, Afirma que a afetividade é uma expressão emocional de amor por parte dos pais, e que para a efetivação das técnicas disciplinares é preciso que os pais ofereçam amor e apoio e se envolvam nas atividades dos filhos. Ainda o mesmo autor chama atenção aos pais, que a afetividade não pode ser considerada como aprovação incondicional, afirmando mesmo que os *“pais amorosos e afetivos podem ser firmes em suas práticas educativas”*.

Outros autores consideram a afetividade como um elemento importante na relação pai e filho, podendo tornar a criança mais receptiva às estratégias, empática com outras pessoas, emocionalmente segura, seguindo o exemplo dos seus pais/encarregados de educação, proporcionando assim o desenvolvimento da consciência e da internalização das normas sociais. (Hoffmam 1975,1994, cit in Hutz, 2002, p, 19).

A falta de afetividade tem contribuído para o desajustamento e conseqüentemente para o desenvolvimento de agressão ou delinquência sobretudo quando associado á punições severas. (Grusec & Lytton, 1988, cit in Hutz, 2002, p, 19)

Içami Tiba (2002), afirma que os pais quando se omitem perante a atitude da criança, em não cumprir as regras estabelecidas, para além destorcer a personalidade dela, fazem com que a criança não assuma as responsabilidades, criando condições para que ela se torne uma criança sem limites e que no futuro poderá revoltar-se se for contrariada. E que a criança só desobedece quando verifica a incoerência, a insegurança e inconsistência dos pais no estabelecimento de regras. Ainda segundo o autor, a incoerência, a insegurança e a inconsistência são componentes considerados como venenos mortais para uma boa educação das crianças.

O pais ao exercer um controlo firme na infância, direcionam a atenção da criança para as repercussões dos seus atos, instrumentalizando-a em relação aos padrões de comportamentos desejados (Reppold & Cols, 2002, cit in Hutz, 2005).

O abuso físico ocorre quando os pais/encarregados de educação causam lesões ou dores em seus filhos na tentativa de controlá-los. É caracterizado por: espancar, chutar, morder, queimar, sacudir, socar, bater etc. Vários investigadores (Gomide, 2001, Alvarenga & Piccinini, 2001, Ferreira & Marturano, 2002, Reppold, Pacheco & Hutz, 2005), apontam para o abuso físico como podendo gerar crianças apáticas, medrosas, desinteressadas, inseguras, com baixa auto-estima e principalmente anti-sociais.

Segundo Gomide (2001), o termo anti-social emprega-se para fazer referencia a todo comportamento socialmente inadequado, tal como comportamento agressivo, comportamento infrator, vandalismo, piromania, mentira, ausência escolar e/ou fugas de casa, entre outros, apresentados em altas frequência e intensidade.

O DSM-IV (*American Psychiatric Association, 1994*) denomina esse padrão comportamental como transtorno de conduto. Definindo-o como um padrão repetitivo e persistente de comportamento onde os direitos básicos dos outros ou normas e regras sociais importantes apropriadas à idade são violados. Esses comportamentos podem ser: conduta agressiva que causa ou ameaça danos físicos a outras pessoas ou a animais ou que causa perdas ou danos a propriedades; defraudação ou furto ou sérias violações de regras. É necessário que pelo menos três desses critérios tenham estado presentes nos últimos 12 meses e pelo menos um deve ter sido observado nos últimos 6 meses.

Hoffman (1975,1994, cit in Hutz, 2002 p.16), divide as práticas educativas parentais em técnicas indutivas e técnicas coercitivas. Segundo o autor, a estratégia indutiva propicia à criança a compreensão das implicações de suas ações e, portanto, dos motivos que justificam a necessidade de mudança no seu comportamento. Capacitando assim a criança, com determinada autonomia para que possa utilizar esse tipo de informação em situações futuras e para controlar seu próprio comportamento. Como exemplos desse tipo de estratégia pode-se citar o uso de explicações sobre o comportamento da criança e as suas consequências bem como explicações a respeito de regras, princípios e valores.

Os pais que utilizam as técnicas indutivas na educação e socialização de seus filhos, esperam que seus filhos se desenvolvam e se tornem jovens independentes, autónomos, socializantes responsáveis e capazes de regularem seus próprios comportamentos (Baumrind, 1997, cit in, Hutz, 2002 p.17). Por outro lado, Hutz, (2002) citando

Hoffman (1983), reafirma que a utilização das técnicas indutivas influencia de forma mais efetiva na internalização de regras e valores morais do que uso das técnicas coercitivas.

Ainda segundo Baumrind (1997 cit in, Hutz, 2002), em crianças pré-escolares, a técnica indutiva não é muito efetiva, pois requer explicações complexas, o que pode confundir a criança, dificultando assim a obediência e a produção de um comportamento pró-social, por parte dela. Nessa faixa etária é necessário que o adulto faça explicações breves das regras e providencie uma consequência firme para o comportamento inadequado.

As práticas indutivas são apontadas como preditoras do desenvolvimento da autonomia no indivíduo, assim como da internalização de padrões morais (Alvarenga, 2000, Ceballos & Rodrigo, 2003, Hutz, 2002). Já as estratégias de força coercitiva caracterizam-se pela aplicação directa da força, incluindo punição física e verbal, privação de privilégios e afeto ou pelo uso de ameaças. Essa técnica faz com que a criança controle seu comportamento em função das reacções punitivas dos pais e produz emoções intensas tais como medo, raiva e ansiedade que interferem no seu funcionamento cognitivo. Com essa prática a criança não internaliza das regras sociais e padrões morais e de conduta. A ansiedade gerada pela punição, faz com que a criança, tenha dificuldade em perceber “porque está sendo punida” e qual a forma de se comportar. Além de não contribuir para a aquisição de padrões adequados de comportamento, o uso frequente e arbitrário de estratégias coercitivas prejudica a criança e promove o fracasso na sua obediência ou seja tende a fazer com que as crianças se comportem de forma coercitiva em seus relacionamentos (Hoffman, cit in Hutz, 2002, *p.18*). Baumrind, 1997, (cit in Hutz, 2002, *p.18*), complementa dizendo que o uso dessa prática de forma arbitrária e frequente, leva a criança ao fracasso e a desobediência.

A punição pelo processo de condicionamento pode inibir certos comportamentos, pois gera ansiedade na criança (Dix, Ruble, & Zambarano, 1989, Bandura 1969, Skinner, 1953, cit in, Hutz, 2002, *p, 16*).

A privação de afeto é uma ameaça que pode romper o elo de ligação emocional entre os pais e a criança, Essa prática promove insegurança e ansiedade nas crianças. É uma forma psicológica de punição e pode expressar-se de forma de desaprovação, de indiferença, de isolamento da criança, de privação condicionada de amor, (eg. “se te portares mal não gosto de ti”) ou uma ameaça da perda permanente de amor (eg “ nunca devias ter nascido”) (Grusec & Lytton 1988, cit in, Hutz, 2002, *p.17*).

A literatura refere as práticas educativas coercitivas como tendo repercussões negativas em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, tais como ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar. Isso porque perante tais práticas as crianças não internalizam as regras sociais e os padrões morais necessários para o ajustamento psicológico (Alvarenga & Piccinini, 2001, Baumrind, 1966, 1997, Bolsoni-Silva & Marturano, 2002, Ferreira & Marturano, 2002, Reppold, Pacheco & Hutz, 2002, 2005).

4- As Práticas Educativas Parentais Como Fatores de Proteção ou de Risco nas Crianças

Segundo Hutz, (2002, p, 10), os fatores de risco são componentes que quando presentes no meio ambiente, proporcionam uma alta probabilidade de ocorrência de comportamentos negativos ou indesejáveis. De entre tais fatores encontram-se os comportamentos que podem comprometer a saúde, o bem-estar e/ou o desempenho social do indivíduo. (Jessor et al. 1995, cit in Hutz 2002, p, 10)

Como vimos atrás, vários autores descrevem as práticas educativas coercitivas ou práticas educativas ineficazes como componentes que desenvolvem o comportamento anti-social e outros desajustes sociais em crianças e adolescentes, (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002, Silva & Hutz 2002). Assim, as práticas educativas coercitivas podem ser consideradas como fatores de risco para as crianças cujos pais utilizam com frequências tais ações educativas. A hostilidade e negligência parental contribuem para o envolvimento de indivíduos com distúrbios de conduta em grupos criminosos.

Para Garmezy (1985), os fatores de risco são aqueles que, se presentes o meio ambiente, aumentam a probabilidade de a criança desenvolver uma desordem emocional ou comportamental.

Barnett (1997) afirma que *nenhum outro fator de risco tem uma associação tão forte com a psicopatologia do desenvolvimento do que uma criança maltratada*. Isto é a punição física e psicológica, o abuso e a negligência deixam marcas profundamente para toda a vida do indivíduo. Segundo este autor, as sequelas dessas atitudes afectam uma grande variedade de domínios do desenvolvimento, incluindo as áreas da cognição, linguagem, desempenho académico e desenvolvimento sócio- emocional.

Gomide (2003), destaca como fatores de risco para a criança desenvolver o comportamento anti-social, as seguintes práticas educativas negativas: a) negligência; b)

abuso físico e psicológico; c) disciplina relaxada; d) punição inconsistente e) monitoria negativa.

A negligência ocorre quando se priva a criança de algo que ela necessite, (alimentação, vestuário, segurança, oportunidade de estudo, ausência de atenção e afeto etc). Seus efeitos podem levar à desnutrição, ao atraso global no desenvolvimento e até mesmo à fatalidade (Monteiro, Abreu & Phebo, 1997a).

O abuso psicológico e físico, ocorre quando alguém é submetido a ameaças, humilhações e privação emocional, disciplina por meio de práticas corporais negativas. Como consequências da violência psicológica que pode influenciar a criança em estágio de desenvolvimento, a *American Academy of Pediatrics*, 2002, destaca prejuízos nas seguintes áreas: pensamentos intrapessoais (medo, baixa auto-estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas etc), saúde emocional (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias), habilidades sociais (comportamento anti-social, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência e criminalidade), aprendizagem (baixa realização académica, prejuízo moral), e saúde física (queixas somáticas, falha no desenvolvimento, alta mortalidade).

A monitoria negativa, é o excesso de instruções independente de seu cumprimento, o que gera um ambiente de convivência hostil.

Para Masten e Garnezy, 1985, cit in Hutz, 2002, p, 11, os fatores de risco associados aos distúrbios, incluem o sexo, variáveis demográficas, habilidades sociais e intelectuais, história genética, aspectos psicológicos e ambientais, eventos stressantes da vida, área residencial, apoio social e características familiares e culturais.

Vários estudos foram feitos com o objectivo de identificar os factores de risco preditores de problemas de comportamentos. A partir de uma revisão da literatura feita por (Loeber & Dishion, 1983, cit in Hutz, 2002, p, 11), destacam-se os seguintes preditores: a)- Prática parentais exercidas na família; b)- Presença de problemas de comportamento durante a infância; c)- Ocorrência de Comportamentos anti-sociais em alguns membros da família; d)- Abandono ou pouco envolvimento escolar.

Várias investigações (Barnett, 1997; Santos, 2001, Brancalhone & Williams, 2003), indicam que a violência doméstica afeta e interfere no desenvolvimento físico e mental das crianças, neste ambiente, a criança vivencia a ambivalência das emoções e reações entre amor e ódio e outras vivências negativas. As suas consequências podem ser, agressão, uso de drogas e/ou álcool, distúrbio de atenção, baixo rendimento escolar,

ansiedade, depressão, transtorno de stresse pós-traumático e problemas somáticos, entre outros.

A teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1976) sustenta que padrões aprendidos por crianças em um lar violento agem como modelos de como se comportar em interações sociais. Além disso, crianças expostas a ambientes stressantes podem apresentar quadros de dissociação a ponto de gerar rupturas bruscas e patológicas com a realidade (Caminha, 1999). Segundo o Manual DSM IV (*American Psychiatric Association*, 2000), a característica essencial dos transtornos dissociativos é uma perturbação nas funções habitualmente integradas de consciência, memória, identidade ou percepção do ambiente.

Silva e Hutz (2002) assinalam o fato de a criança ter sido vítima de abuso (físico, sexual, psicológico e/ou negligência) como risco para o surgimento de atos infracionais, aumentando a probabilidade dela apresentar tal comportamento. De salientar que, as crianças que iniciam precocemente comportamentos agressivos têm maior risco de cometer atos infratórios ou de abusarem de drogas (Kumpfer & Alvarado, 2003).

Crianças maltratadas irão abusar ou negligenciar seus filhos, e por outro lado, as crianças maltratadas, geralmente, apresentam défices em suas habilidades de regular os afetos e o comportamento em geral.

Patterson et al. (1992) comentam que o desenvolvimento do comportamento anti-social é marcado por uma sequência mais ou menos previsível de experiências: (1) as práticas educativas ineficientes dos pais são vistas como determinantes do problema de comportamento na criança; (2) na idade escolar, essa conduta infantil leva ao fracasso académico (desobediência e falta de auto-controle pela criança obstruem directamente a aprendizagem) e à rejeição pelos colegas (provocada por comportamento agressivo e coercivo); (3) esses últimos levam, por sua vez, ao aumento do risco de depressão e ao envolvimento com grupos de “rejeitados”.

As crianças que seguem esta sequência de desenvolvimento, se não tratadas, têm alta probabilidade de apresentar comportamento delinquente crónico, já que as ações da criança anti-social produzem um conjunto de reações do ambiente social que causam disrupção no processo da socialização infantil (Marinho & Caballo, 2001, Patterson et al., 1992).

Rutter, 1985, define os fatores de proteção como componentes que modificam ou alteram a resposta pessoal para algum risco ambiental que predispõe a resultado mal

adaptativo, como por exemplo: o estágio de desenvolvimento da criança, seu temperamento e a habilidade de resolução de problemas do indivíduo

(Reppold et al. 2002 e Hutz, 2002, afirmam que os fatores protetores são entendidos como condições ou variáveis que diminuem a probabilidade de o indivíduo desenvolver problemas de externalização, tais como: agressão, uso de álcool ou drogas, raiva, desordem de conduta, crueldade para com animais, entre outros.

As práticas educativas efetivas, um bom funcionamento familiar, a existência de vínculo afetivo, o apoio e monitoramento parental são alguns componentes, que podem funcionar, como, de fatores protetores, e que reduzem a probabilidade de crianças adolescentes se envolverem em grupos delinquentes e outros atos infracionais. (Fedman & Wernberger, 1994; Barrera, 1995, cit in Hutz, 2002, p, 12)

Reppold et al. (2002), aponta que a família pode ser identificada como fator de risco ou como fator de proteção, dependendo do estilo parental utilizado.

Gomide (2003) destaca as seguintes práticas educativas positivas como fatores de proteção: a) uso adequado da atenção e distribuição de privilégios, o adequado estabelecimento de regras, a distribuição contínua e segura de afecto, o acompanhamento e supervisão das actividades escolares e de lazer; e b) comportamento mora.

Segundo Kumpfer e Alvarado (2003), práticas parentais efetivas constituem-se no mais poderoso meio de se reduzirem problemas de comportamentos indesejáveis em crianças e adolescentes.

A *American Psychological Association*, (APA) destaca fatores que podem ajudar a proteger e diminuir a criança de comportamentos negativos, a oportunidade de a criança interagir com os pares e com outras pessoas fora da família, o grau de escolaridade materna e seu baixo nível de depressão, estilos parentais adequados, uma qualidade de interação boa com a comunidade e uma rede social fortemente estabelecida,

Alguns inibidores para as crianças não se envolverem em comportamentos delinquentes ou comportamentos não saudáveis citados na literatura incluem: treino de pais para adopção de práticas de educação infantil adequadas, melhoramento das relações afetivas, uso apropriado de reforço positivo (especialmente contingente a condutas pró-sociais), incremento de habilidades para resolver problemas, supervisão e monitoria pelos pais, melhoramento no desempenho escolar, elevação da auto-estima e desenvolvimento de habilidades sociais, entre outros (Gomide, 2001, Marinho, 1999, Bandura, 1976).

Numa revisão da literatura sobre a infância, os fatores proteção foram classificadas em três categorias: a)-atributos disposicionais da criança (atividades, dificuldades, autonomia, orientação social positiva auto-estima e preferência); b)- características familiares (coesão, afetividade, ausência de discórdia e ausência de negligência); c)- existência de apoio individual ou institucional que estejam disponíveis para a criança e a família, (Masten & Garmezy, 1985, cit in Hutz, 2002, p, 12).

III- Enquadramento metodológico

1- Objetivos gerais e específicos

1.1 -Objetivos Gerais

- Identificar as práticas educativas parentais utilizadas pelos pais/encarregados de educação da província de Benguela;
- Validar o Inventário de Práticas Educativas (I.P.E.) de Machado, Gonçalves e Matos (2006).

1.2- Objetivos Específicos

- Comparar as práticas educativas parentais tendo em conta a profissão, habilitações literárias, o estado civil e a faixa etária dos pais/encarregados de educação;
- Comparar as práticas educativas de pais e mães.

2- Questões de Investigação

- Que estratégias utilizam os pais/encarregados de Educação na Província de Benguela para a educação de seus filhos?
- Será que o nível de académico e profissional influência na forma de educar os filhos da população Benguelense?
- Haverá crianças em risco no seio familiar devido aos maus tratos?
- Há diferenças entre pais e mães na forma de educar os seus filhos?

3- Desenho e Método

O desenho de investigação do presente trabalho é do tipo transversal, descritivo exploratório. Porque a pesquisa descritiva tem por finalidade observar, registar e analisar os fenómenos sem, entretanto, entrar no mérito de seu conteúdo ou seja

pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis

Na pesquisa descritiva não há interferência do pesquisador, que apenas procura perceber, com o necessário cuidado, a frequência com que o fenómeno acontece, sua natureza, características, causas, relações com outros factos.

4- Participantes

O estudo foi feito com uma amostra de 450 pais /encarregados de educação, sendo 225 pais e 225 mães. Trata-se de uma amostra foi seleccionada de forma intencional, uma vez que se trabalhou apenas com pais/encarregados de educação que possuem filhos dos 0 aos 12 anos de idade.

Tabela 1- Distribuição da amostra por faixas etárias

Faixa etária	Frequência	Porcentagem
18 á 25	83	18,4%
26 á 35	158	35,1%
36 á 45	145	32,2%
46 a 55	64	14,2%
Total	450	100%

Tabela 2- Idade (média, mínimo, máximo e desvio padrão)

Sexo	Nº	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
Masculino	225	36,79	19	55	8,751
Feminino	225	32,48	18	50	7,805
Total	450	34,64	18	55	8,558

A composição etária dos pais/encarregados de educação (Tabela 2Tabela 1) é dos 18 aos 55 anos, distribuídos nas seguintes faixas etárias: Dos 18 á 25 anos 83 pais = 18,4%, dos 26 á 35 anos 158 pais = 35,1%, dos 36 á 45 anos, 145 pais =32,2%, dos 46 á 55 anos, com 64 pais = 14,2%. Sendo (Tabela 2) 225 homens com a idade média de 36,79, idade mínimo de 19 anos, idade máximo de 55 anos e um desvia padrão de 8,751, e, 225 mulheres com uma idade média de 32,48, idade mínima de 18 anos, idade máxima de 50 anos e um desvio padrão de 7,805, num total de 450 pais/encarregados de educação, com a idade média de 34,64, idade mínima 18 anos, idade máxima 55 anos e um desvio padrão de 8,558.

Tabela 3- Distribuição por profissões

Profissões	Frequências	Porcentagem
Ensino	115	25,5%
Saúde	35	7,8%
Agricultura	37	8,2%
Indústria	6	1,3%
Comerciantes	60	13,3%
Operários	86	19,1%
Trabalhadores Indiferenciado	45	10%
Doméstica	39	8,7%
Forças de segurança pública	27	6
Total	450	100

Em termos profissionais (

Tabela 3) dos 450 participantes, 115 (25,5%) pertencem ao sector do ensino, 35 (7,8%) são do sector da saúde, 37 (7,8%) pertencem ao sector da agricultura, 6 (1,3%) são da indústria, 60 (13,3%), são do sector do comércio, 86 (19,1%) são operários não especializados, 45 (10%) trabalhadores indiferenciados, 39 (8,7%) domésticas, 37 e 27 são das forças de segurança pública.

Tabela 4- Habilitações Literárias

Habilitações literárias	Frequências	Porcentagem
Até á 4ª classe	40	8,9%
5ª Classe á 8ª classe	87	19,5%
Ensino médio	241	53,6%
Ensino Superior	77	17,1%
Mestrado	5	1,1%
Total	450	

A Tabela 4 indica que os pais da amostra têm as seguintes habilitações literárias; até a 4ª classe 40 (8,9%) participantes, 5ª classe á 8ª classe 87 (19,5%) pais, ensino médio 241 (53,6%) pais, ensino superior 77 (17,1%) pais e 5 (1,1%) mestres representando.

Tabela 5- Estado Civil

Estado Civil	Frequência	Porcentagem
Solteiro (a)	224	49,8%
Casado (a) /união de fato	202	44,9%
Divorciado (a)/separado (a)	15	3,5%
Viúvo (a)	7	1,6%
Total	448	

Quanto ao estado civil (Tabela 5) os dados apresentam 224 (49,8%) pais solteiros, 202 (44,9%) pais casados, 15 (3,5%) divorciados/separados, 7 (1,6%) pais viúvos e 2 participantes não responderam.

5- Descrição do Instrumento da Recolha de Dados

O instrumento de medida para a recolha de dados foi o Inventário de Práticas Educativas Parentais I.P.E. (Machado, C., Gonçalves, M. & Matos, M. 2006) com o objetivo de identificar o tipo de práticas educativas utilizadas pelos cuidadores da criança. O IPE é está dividido em duas partes A e B, compostas por 30 questões cada, a parte A refere-se às práticas utilizadas e a parte B á adequação ou inadequação dessas práticas. Ainda as questões foram agrupadas em cinco dimensões diferentes, que são: a) Práticas educativas adequadas (e.g. dar conselhos), b) Práticas educativas inadequadas não abusivas (e.g. dar sermões), c) Práticas punitivas com violência física aceitável (e.g. dar uma palmada), d) Práticas emocionalmente abusivas (e.g. insultos) e e) Práticas fisicamente abusivas (e.g. causar ferimentos). De realçar que o agrupamento das diferentes práticas educativas nas cinco dimensões foi efetuado de acordo com um critério teórico, utilizando o juízo de quatro peritos em psicologia clínica e forense. Que será preenchido pelos pais/encarregados de educação depois de uma clara explicação sobre o preenchimento do mesmo. O objetivo deste instrumento (I.P.E.) é identificar o tipo de praticas educativas utilizadas pelos pais/encarregados de educação na educação de seus filhos ou outras crianças a seu cargo e com que frequência as usam, uma vez que as respostas aos 30 itens envolvem 4 opções ” nunca usei”, “usei uma única vez”, “usei menos de uma vez por mês”, usei mais do que uma vez por mês” e também estão classificados em ” adequadas” ou “inadequadas”.

6- Procedimentos

Na primeira fase fez-se os contactos necessários com as Administrações Municipais, endereçando uma carta solicitando que autorizassem que o investigador procedesse á aplicação do I.P.E. para a recolha de dados nos seus Municípios.

Depois da autorização, o investigador solicitou aos pais/encarregados de educação a sua participação, explicando-lhes os objetivos gerais do estudo e garantindo a confidencialidade e anonimato dos dados e a liberdade de participação ou não

Concedimento Informado

Foi depois solicitado o preenchimento do I.P.E. pelos próprios pais e em situações em que as habilitações escolares não o permitiam, o investigador fez a leitura em voz alta das questões e registou as respostas, antecedido de explicações necessárias sobre o seu preenchimento.

As 4 opções que envolvem cada resposta aos 30 itens das partes A e B do I.P.E., têm uma pontuação de 0 a 3, em que quanto menor for a pontuação mais praticas educativas negativas são utilizadas.

7- Tratamento e Analise dos Dados

Feita a recolha de dados, os mesmos foram codificados para melhor identificar cada participante e os dados foram inseridos no programa estatístico IBM SPSS Statistics 19 , com recurso a análises descritivas para caracterização e distribuição de frequências de práticas educativas e sua adequação/inadequação e a testes t e anova para comparação entre os grupos

8- Apresentação dos Resultados

a) -Frequência Das Práticas Educativas

Dos dados obtidos em cada prática educativa parental dos Benguelenses, apresenta-se a sua distribuição por frequências.

Tabela 6- Frequências das práticas educativas

Práticas educativas	Nunca usei	%	Usei uma única vez por mês	%	Usei menos de uma vez por mês	%	Usei mais de uma vez por mês	%	Total
Dar conselhos	20	4,4	20	4,4	75	16,7	335	74,4	450
Ameaçar a criança que o pai lhe vai bate	197	43,8	59	13,1	108	24	85	18,9	449
Bater no rabo com a mão	160	35,6	78	17,3	140	31,1	72	16	450
Dar bofetadas na cara, cabeça ou orelhas	257	57,1	70	15,6	85	18,9	38	8,4	450
Puxar as orelhas	202	44,9	60	13,3	119	26,4	69	15,3	450
Dar murro ou pontapé	401	89,1	20	4,4	21	4,7	8	1,8	450
Mandar a criança para o quarto sem fechar a porta	258	57,3	54	12	80	17,8	58	12,9	450
Fechar num quarto á chave	401	89,1	19	4,2	22	4,9	8	1,8	450
Fechar num quarto escuro	408	90,7	11	2,4	22	4,9	8	1,8	450
Dar palmadas na mão, braço ou pernas	197	43,8	69	15,3	122	27,1	62	13,8	450
Elogiar a criança quando se porta bem	7	1,6	23	5,1	62	13,8	358	79,6	450
Dar várias bofetadas	364	80,9	32	7,1	41	9,1	13	2,9	450
Abanar ou sacudir com força (criança com <de 2 anos de idade)	412	91,6	15	3,3	16	3,6	7	1,6	450
Abanar ou sacudir com força (criança com > de 2 anos de idade)	388	86,2	26	5,8	25	5,6	11	2,4	450
Dar uma ova com a mão	305	67,8	56	12,4	64	14,2	25	5,6	450
Bater com cinto	381	84,7	34	7,6	23	5,1	12	2,7	450

Tabela 6- Frequências das práticas educativas (continuação)

Práticas educativas	Nunca usei	%	Usei uma única vez por mês	%	Usei menos de uma vez por mês	%	Usei mais de uma vez por mês	%	Total
Bater com outros objetos (não mencionados atrás) especificar	364	80,9	27	6	42	9,3	17	3,8	450
Atirar objeto	378	84	18	4	37	8,2	17	3,8	450
Insultar	343	76,2	31	6,9	59	13,1	17	3,8	450
Ameaçar á criança de que lhe vai bater	162	36	56	12,4	121	26,9	111	24,7	450
Dizer á criança que nunca devia ter nascido	418	92,9	8	1,8	17	3,8	7	1,6	450
Dizer “se te portares mal não gosto de ti”	343	76,2	27	6	48	10,7	32	7,1	450
Dizer que não se gosta da criança	411	91,3	18	4	16	3,6	5	1,1	450
Dar “sermões”	211	46,9	55	12,2	76	16,9	108	24	450
Bater na criança deixando marcas (especifique as marcas)	417	92,7	14	3,1	12	2,7	7	1,6	450
Bater a criança deixando ferimentos (especifique)	421	93,6	12	2,7	11	2,4	6	1,3	450
Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta	252	56	65	14,4	68	15,1	65	14,4	450

Conforma se pode ver na (Tabela 6), no que diz respeito a “dar conselhos”, 4,4%, dos pais/ encarregados de educação nunca deram conselhos aos seus filhos, 4,4% deram apenas uma única vez, 16,7% afirmaram ter dado conselhos menos do que uma vez por mês e 74,4% de conselhos aos seus filhos mais do que uma vez por mês.

Quanto a “ameaçar a criança que o pai lhe vai bater”, verifica-se que 43,8 % dos pais /encarregados de educação não recorre a essa pratica educativa para com os seus filhos, 13,1% afirma ter usado uma única vez, 24% recorre a essa pratica menos de uma vez por mês e 18,9% usa mais do que uma vez por mês.

Na questão “bater no rabo com a mão, nota-se que 35,6% de pais/encarregados de educação nunca usa tal prática educativa, 17,3% utiliza uma única vez, 31,1% usa menos do que uma vez por mês, 16% usa essa pratica mais do que uma vez por mês.

Quanto a “ Dar bofetada na cara, cabeça ou orelhas”, apurou-se que 57,1% dos pais/encarregados de educação não recorre a essa prática, 15,6% afirma ter usado uma única vez, 18,9% utiliza menos de uma vez por mês e 8,4% usa mais do que uma vez por mês.

Em relação a “ puxar as orelhas”, o resultado apresentado na tabela indica que 44,9% dos pais/encarregados de educação não recorre tal prática, 13,3% afirma ter usado uma única vez, 26,4% usa menos do que uma vez por mês e 15,3% recorre mais do que uma vez por mês.

“Dar murro ou pontapé”, os dados mostram que 89,1% dos pais /encarregados de educação nunca recorre a essa prática educativa, 4,4% afirma ter usado uma única vez, 4,7% utiliza menos do que uma vez por mês e 1,8% usa mais do que uma vez por mês.

No que diz respeito “Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta” Essa tabela mostra que 57,3% de pais/encarregados de educação nunca usa, 12% dizem ter usado uma única vez, 17,8 disse ter usado menos do que uma vez por mês e 12,9% afirma ter usado essa prática por mais de uma vez por mês.

Quanto a “ Fechar num quarto à chave”, 89,1% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 4,2% afirmam ter usado uma única vez, 4,9% afirmam ter usado menos do que uma vez por mês e 1,8% usa mais do que uma vês por mês.

“Fechar num quarto escuro”, os dados obtidos indicam que 90,9% dos pais/encarregados de educação nunca utiliza tal prática educativa, 2,9% usa uma única vez, 4,9%, usa menos de uma vez por mês e 1,8% usa mais do que uma vez.

“Dar palmadas na mão, braço ou pernas”, esse item verifica-se que 43,8% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 15,3% afirma ter usado uma única vez, 27,1% utiliza menos do que uma vez por mês e 13,8% afirma ter usado mais do que uma vez por mês.

“Elogiar a criança quando se porta bem”, apurou-se que 1,6% nunca usa essa pratica, 5,1% usa uma única vez, 13,8% utiliza menos do que uma vez por mês, e 79,6% de pais/encarregados de educação afirma ter usado mais do que uma vez por mês.

“Dar várias bofetadas”, 80,9% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 7,1% usa uma única vez, 9,1% usa menos do que uma vez e 2,9% usa mais dos que uma vez.

“Abanar ou sacudir com força (criança com menos de 2 anos de idade) ”, dos pais/encarregados de educação 91,6% nunca recorre a essa prática educativa, 3,3% afirmam ter recorrido uma única vez, 3,6% recorre menos do que uma vez e 1,6% recorre mais do que uma vez por mês.

Quanto a “abanar ou sacudir com força (criança com mais de 2 anos de idade) ”, apurou-se o seguinte: 86,2% dos pais/encarregados de educação nunca usa tal prática, 5,8% usa uma única vez, 5,6% usa menos do que uma vez por mês e 2,4% usa mais do que uma vez por mês.

Em relação a “Bater no rabo com um objeto duro (por .exemplo., colher de pau, escova do cabelo) ”, constatou-se que 83,8% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 6,2% afirmam ter usado uma única vez, 6,9% usa menos de uma vez por mês e 3,1% usa mais do que uma vez por mês.

Quanto a “Dar uma sova com a mão”, 67,8% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 12,4% dizem ter utilizado uma única vez, 14,2% usa menos do que uma vez por mês e 5,6% usou mais do que uma vez por mês.

Já no que se refere a “Explicar á criança o que fez mal”, 2,2% dos pais/encarregados de educação nunca usa essa prática educativa, 3,6% dizem ter usado uma única vez, 12,4% usa menos do que uma vez por mês, 81,8% usa mais do que uma vez por mês.

Relativamente a “Bater com cinto”, 84,7% dos pais/encarregados de educação nunca utiliza essa prática, 7,6% afirmam ter usado uma única vez, 5,1% utiliza menos do que uma vez por mês e 2,7% utiliza mais do que uma vez por mês.

No que diz respeito a “Bater com outros objectos (não mencionados atrás) especifique”, 80,9% dos pais/encarregados de educação afirmam nunca usar, 6 % dizem ter usado uma única vez, 9,3% usa menos do que uma vez por mês, e 3,8% usa mais do que uma vez por mês. De salientar que os pais/encarregados de educação que recorrem a essa pratica educativa, especificaram os seguintes objectos: chinelos, pau ou chicote, e pau de vassoura.

Quanto a “Atirar objectos”, 84,0% dizem nunca ter usado, 4% dizem ter usado uma única vez, 8,2% u menos do que uma vez por mês e 3,8% usou mais do que uma vez por mês.

No que se refere a “Insultar”, 76,2%, afirmam nunca ter usado, 6,9% afirmam usar uma única vez, 13,1% usa menos do que uma vez por mês e 3,8% usa mais do que uma vez por mês.

“Ameaçar a criança de que lhe vai bater”, 36% nunca usa, 12,4% usa uma única vez, 26,9% usa menos do que uma vez por mês e 24,7% usa mais do que uma vez por mês.

Relativamente “Dizer á criança que nunca devia ter nascido”, 92,9% nunca usa 1,8% usa uma única vez, 3,8% usa menos do que uma vez por mês e 1,6% usa mais do que uma vez por mês.

No que se refere a “Dizer “se te portares mal não gosto de ti”, 76,2% nunca utiliza, 6% afirma ter utilizado única uma vez, 10,7% utiliza menos do que uma vez por mês e 7,1% utiliza mais do que uma vez por mês.

Relativamente a “ Dizer que não se gosta da criança”, 91,3% nunca usa, 4,0% usa uma única vez, 3,6% usa menos do que uma vez por mês e 1,1% usa mais do que uma vez por mês.

Relativamente “dar “sermões”, 46,9% dos pais/encarregados de educação afirmam nunca ter usado, 12,2% afirma ter usado uma única vez, 16,9% usou menos do que uma vez e 24% afirmou ter usado mais do que uma vez.

No que se refere a “ Bater na criança deixando marcas (especifique as marcas) ”

92,7% dos pais/encarregados de educação nunca usa, 3,1% dizem ter usado uma única vez, 2,7% utiliza menos do que uma vez e 1,6 utiliza mais do que uma vez. As marcas especificadas são, quebrar o braço, escoriações no rosto, manchas de sangue nos olhos.

Quanto a “ Bater na criança deixando ferimento (especifique) ”, 93,6% Nunca usa, 2,7% usa uma única vez, 2,4% usa menos de uma vez e 1,3% usa mais do que uma vez. Os pais que já o fizeram especificaram: abrir a cabeça e abrir os lábios.

Em relação a “Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta”, 56 % nunca usa, 14,4% afirma ter utilizado uma única vez, 15,1% usa menos do que uma vês e 14,4% usa mais do que uma vez por mês.

b)- Classificação das práticas educativas como adequadas ou inadequadas

Tabela 7 - Frequências da classificação das práticas educativas

Práticas educativas	Adequada	%	Inadequada	%	Total
Dar conselhos	444	98,7	6	1,3	450
Ameaçar a criança que o pai lhe vai bater	236	52,4	213	47,3	449
Bater no rabo com a mão	235	52,2	215	47,8	450
Dar bofetadas na cara, cabeça ou orelhas	32	7,1	418	7,1	450
Puxar as orelhas	146	32,4	304	67,6	450
Dar murro ou pontapé	12	2,7	438	97,3	450
Mandar a criança para o quarto sem fechar a porta	331	73,6	119	26,4	450
Fechar num quarto á chave	21	4,7	429	95,3	450
Fechar num quarto escuro	436	96,9	14	3,1	450
Dar palmadas na mão, braço ou perna	150	33,3	300	66,7	450
Elogiar á criança quanto se porta bem	444	98,7	6	1,3	450
Dar várias bofetadas	439	97,6	11	2,4	450
Abanar ou sacudir a com força (criança <de 2 anos de idade)	441	98	9	2	450
Abanar ou sacudir com força (criança> de 2 anos de idade)	21	4,7	429	95,3	450
Bater no rabo com um objeto duro	20	4,4	429	95,3	449
Dar uma sova com a mão	99	22	351	78	450
Explicar á criança o que fez mal	437	97,1	13	2,9	450
Bater com cinto	17	3,8	433	96,2	450
Bater com outros objetos (não mencionados atrás)	27	6	422	93,8	449
Atirar objetos	7	1,6	443	98,4	450
Insultar	13	2,9	437	97,1	450
Ameaçar a criança de que lhe vai bater	176	39,1	274	60,9	450
Dizer á criança que nunca devia ter nascido	5	1,1	445	98,9	450
Dizer “se te portar mal não gosto de ti”	66	14,7	384	85,3	450
Dizer que não se gosta da criança	5	1,1	445	98,9	450
Dar “sermões”	171	38	279	62	450
Bater na criança deixando marcas	6	1,3	444	98,7	450
Bater na criança deixando ferimentos (especifique)	8	1,8	442	98	450
Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta	292	64,9	158	35,1	450

Questionados os pais/encarregados de educação, sobre que tipos de práticas educativas parentais consideram adequadas ou inadequadas, (Tabela 7) os dados obtidos mostram o seguinte:

Relativamente a “dar conselhos”, 6 pais (1,3%) disseram que é inadequada e 444 (98,7%) afirmaram que é adequada.

Já no que se refere a “mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater”, 213 (47,3%) dos pais responderam que é inadequada e 236 (52,6%) disseram que é adequada. No que diz respeito a “bater no rabo com a mão”, 235 (52,2) dos pais inqueridos afirmaram ser adequada e 215 (47,8) dizem ser inadequada.

Quanto a “dar bofetada na cara, cabeça ou orelhas”, 32 (7,1%) afirmaram ser adequada e 418 (92,9%), disseram ser inadequada.

No que se refere a “puxar as orelhas”, 12 (2,7%) responderam que é adequada e 438 (97,3%) afirmaram ser inadequada.

“Mandar a criança para o quarto sem fechar a porta”, 119 (26,4%) responderam que é inadequada e 331 (73,6%) disseram ser adequada.

No tocante a “fechar num quarto á chave”, 21 (4,7%) disseram ser adequada e 429 (95,3%) disseram que é inadequada.

Ao que se refere a “fechar quarto á chave”, 21 (4,7%) responderam ser adequada e 429 (95,3%) responderam ser inadequada.

Quanto a “fechar num quarto escuro”, 14 (3,1%) disseram que é adequada e 436 (96,9%) responderam que é inadequada.

Relativamente a “dar palmadas na mão, braço ou pernas”, 150 (33,3%) acham adequada e 300 (66,7%) acham inadequada.

No que se refere a “elogiar a criança quando se porta bem”, 6 (1,3%) responderam ser inadequada e 444 (98,7%) disseram ser adequada.

Quanto a “dar várias bofetadas”, 11 (2,4%) afirmaram adequada e 439 (97,6%) afirmaram ser inadequada.

No se refere a “abanar ou sacudir com força (criança com menos de 2 anos de idade) ”, 9 (2,0) afirmaram que é adequada e 441 (98%) afirmaram que é inadequada.

No que diz respeito a “abanar ou sacudir com força (criança com mais de 2 anos de idade), 21 (4,7%) disseram que é adequada 429 (95,3) disseram inadequada.

“Bater no rabo com um objeto duro (por.exemplo., colher de pau, escova dos cabelo) ”, 20 (4,4) disseram que é adequada e 429 (95,3%) disseram ser inadequada.

No que se refere a “dar uma sova com a mão”, 99 (22%) afirmaram que é inadequada e 351 (78%) adequado.

Quanto a “explicar á criança o que fez mal”, 13 (2,9%) afirmaram que é inadequada e 437 (97,1%) afirmaram adequada.

Já no que se refere a “bater com cinto”, 17 (6%) responderam ser adequada e 433 (96,2%) responderam ser inadequada,

Relativamente a “bater com outros objectos (não mencionados atrás) especificar “ 27 (6%) disseram que é adequada, 422 (93,8) disseram que é inadequada 1 (0,2%) não respondeu.

No que diz respeito “atirar objectos”, 7 (1,6%) afirmaram ser adequada e 443 (98,4%) afirmaram ser inadequada.

Quanto a “Insultar”, 13 (2,95) disseram ser adequada e 437 (97,1%) disseram que é inadequada.

No tocante a “ameaçar a criança de que lhe vai bater”, 176 (83,1%) acham ser inadequada e 274 (60,9%) acham ser adequada.

Quanto a “dizer á criança que nunca devia ter nascido”, 5 pais (1,1%) afirmaram ser adequada 445 (98,9%) disseram ser inadequada.

Já no que se refere ”dizer “se te portares mal não gosto de ti””, 66 (14,7%) responderam que é adequada, 384 (85,3%) responderam que é inadequada.

No que se refere a ”dizer que não se gosta da criança”, 5 (1,1%) afirmaram ser adequada e 445 (98,9%) afirmaram ser inadequada.

Quanto a “dar “sermões”, 171 (38%) disseram ser adequada e 279 (62%) disseram ser inadequada.

Relativamente a, “bater na criança deixando marcas (especifique as marcas) ”, 6 (1,3%) responderam adequada e 444 (98,7%) disseram ser inadequada.

No que diz respeito a “bater na criança deixando ferimento (especifique) ”, 8 (1,8%) afirmaram ser adequada e 442 (98,2%) afirmaram ser inadequado.

Já no que se refere a “castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta”, 158 (35,1%) respondera inadequada e 292 (64,9%) responderam adequada

3.8.2- Comparação Prevalência das Práticas Educativas Parentais de Pais Angolanos (Benguela) e Portugueses (Região Norte)

Seguidamente comparamos a prevalência das práticas educativas na amostra de pais angolanos (província de Benguela) com a prevalência de pais portugueses (região norte), correspondentes ao somatório de respostas de “usei menos de uma vez por mês”, “usei uma única vez”, e “usei mais do que uma vez por mês”, agrupando-as em seis grupos, a saber: a) Maus tratos físicos; b) Comportamentos potencialmente maltratantes; c) Maus tratos emocionais, representando comportamentos emocionalmente abusivos; d) Punição física; d) Praticas educativas inadequadas embora não abusivas; f) Praticas adequadas.

Tabela 8- Comparação de prevalência de práticas de maus tratos entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)

Angola (Benguela)					Portugal (Região Norte)			
Comportamentos Fisicamente abusivos	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	Usei menos de 1 vez por mês	Usei mais de 1 vez por mês	Total
Dar murro ou pontapé	20	21	8	49(10,9%)	38	21	13	72(4%)
Bater deixando marcas	14	12	7	33 (7,3%)	43	17	5	65(3%)
Bater com outros objectos	27	42	17	86(19,1%)	14	28	11	63(3%)
Atirar objectos	18	37	17	72(16,0%)	25	16	5	46(2,6%)
Bater com cinto	34	23	12	69(15,3%)	31	6	2	39(2,1%)
Abanara ou sacudir com força (criança <2 anos)	15	16	7	38(8,4%)	15	14	2	31(1,8%)
Bater deixando ferimentos	12	11	6	29(6,4%)	2	1	0	3(0,2%)

Comparando as duas amostras (Tabela 8), apesar da amostra portuguesa ser maior, nota-se que os pais benguelenses (angolanos) tendem a utilizar em geral mais comportamentos fisicamente abusivos, independentemente do item considerado, embora as diferenças maiores se situarem em “bater com outros objetos”, bater com cinto e atirar objetos.

Tabela 9- Comparação de prevalência de práticas de maus tratos emocionais entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)

Angola (Benguela)					Portugal (Região Norte)			
Comportamentos Emocionalmente abusivos	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	usei menos de 1 vez por mês	Usei mais de 1 vez por mês	Total
Insultar	31	59	17	107(23,8%)	79	128	60	267(15%)
Dizer que não se gosta da criança	18	16	5	39(8,7%)	27	75	33	135(7,6%)
Dizer á criança que nunca devia ter nascido	8	17	7	32(8,7%)	12	9	6	27(1,5%)
Fechar num quarto á chave	19	22	8	49(10,8%)	15	5	1	21(1,2%)
Fechar num quarto escuro	11	22	8	41(9,1%)	6	4	2	12(0,6%)

De igual modo os dados da Tabela 9 mostram que os pais da amostra benguelenses (angolanos) tendem a utilizar mais comportamentos emocionalmente abusivos.

Tabela 10- Comparação de prevalência de comportamentos que podem ser fisicamente abusivos entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região do Norte)

Angola (Benguela)					Portugal (Região Norte)			
Comportamentos Que pode ser fisicamente abusivos	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	Usei menos de 1 vez por mês	Usei mais de 1 vez por mês	Total
Dar uma sova	56	64	25	145(32,2%)	141	195	68	404(22,8%)
Dar várias bofetadas	32	41	13	86(19,1%)	89	101	31	221(12,5%)
Abanar ou sacudir Com força (criança > 2 anos)	26	25	11	62(13,8%)	49	59	7	115(6,5%)

Os dados da (Tabela 10) indicam que os pais/encarregados de educação benguelenses (angolanos) tendem a recorrer a tais comportamentos com maior frequência.

Tabela 11- Comparação de prevalência da punição física entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região do Norte)

Angola (Benguela)					Portugal (Região Norte)			
Punição física	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais de 1 vez por mês	Total
Bater no rabo com a mão	78	140	72	290(64,4%)	200	609	568	1377(77,6%)
Dar palmadas na mão, cabeça ou pernas	69	122	62	253(56,2%)	141	415	200	756(42,6%)
Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas	70	85	38	193(42,9%)	264	299	69	632(35,6%)
Puxar as orelhas	60	119	69	248(55,1%)	158	174	58	390(22%)
Bater no rabo com um objetos duro	28	31	14	73(16,2%)	104	98	25	227(12,8%)

Os Resultados (Tabela 11) mostram-nos que a punição física tem sido utilizada com muita frequência como prática educativas pelos pais/encarregados de educação benguelenses (angolanos).

Tabela 12- Comparação de prevalência de práticas educativas inadequadas entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)

Angola (Benguela)					Portugal (Região Norte)			
Práticas inadequadas	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais de 1 vez por mês	Total
Dar "sermões"	55	76	108	239(53,1%)	129	486	746	1361(76,7%)
Ameaçar a criança de que se lhe vai bater	56	121	111	288(64%)	176	560	551	1287(72,5%)
A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater	59	108	85	252(43%)	132	272	245	649(36,6%)
Dizer "se te portares mal não gosto de ti"	27	48	32	107(23,8%)	139	289	165	593(33,4%)

Comparando as duas amostras, (Tabela 12) os portugueses apresentam maior índice na utilização dessas práticas, conforme espelha a tabela acima.

Tabela 13- Comparação de prevalência de práticas educativas adequadas entre amostra angolana (Benguela) e portuguesa (Região Norte)

Angola (Benguela)				Portugal (Região Norte)				
Práticas adequadas	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais 1 vez por mês	Total	Usou 1 vez	Usou menos de 1 vez por mês	Usou mais de 1 vez por mês	Total
Explicar á criança o que fez mal	16	56	368	440(97,8%)	33	137	1542	1712(96,5%)
Dar Conselhos	20	75	335	430(95,6%)	21	89	1559	1669(94%)
Elogiar a criança quando se porta bem	23	62	358	430(95,6%)	40	135	1504	1679(94,6%)
Castigar a criança retirando-lhe as coisas de que gosta	65	68	65	198(44%)	176	522	530	1228(69,2%)
Mandar a criança para o quarto sem fechar a porta	54	80	58	192(42,7%)	208	318	265	791(44,6%)

Os dados (Tabela 13) mostram que, ambas têm quase a mesma frequência em termos percentuais, com excepção da prática de castigar a criança retirando-lhe as coisas de que gosta, onde a amostra portuguesa apresenta relativamente maior percentagem.

3.8.3- Comparação dos Resultados por Género, Habilitações Literárias, Profissão, Estado Civil e Faixa Etária.

a) Comparação por género

Tabela 14– Diferenças significativas entre pais e mães quanto a práticas educativas

Comportamentos		Nº	Média	t	df	p
Atirar objectos	Pais	225	2,80	3,359	396,6	,001
	Mães	225	2,56			

Feita a comparação das práticas educativas dos pais e das mães através do test t, (Tabela 14) apurou-se que não há diferenças estatisticamente significativas para nenhum dos itens, excepto para o item “atirar objectos”, em que os pais (media = 2,80) apresentam diferenças em relação às mães (média = 2,56), com menor prevalência do que estas, $t = (396,6) = 3,359$ $p=0,001$.

Tabela 15– Diferenças significativas entre pais e mães quanto á percepção sobre adequação de práticas educativas

Comportamentos		Nº	Média	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Dar bofetada na cara cabeça ou orelhas	Pais	225	0,90	2,208	399,09	0,028
	Mães	225	0,96			
Mandar a criança para o quarto sem fechar a porta	Pais	225	0,78	2,036	443,278	0,042
	Mães	225	0,69			
Explicar á criança o que fez mal	Pais	225	0,99	1,974	350,625	0,049
	Mães	225	0,96			
Bater com cinto	Pais	225	0,94	2,233	354,293	0,026
	Mães	225	0,98			

Questionados os pais sobre que tipos de práticas educativas acham adequadas ou inadequadas, os resultados (Tabela 15) mostram que há diferenças significativas entre os pais e mães nos itens: “dar bofetada na cara cabeça ou orelhas” em que os pais (0,90) percebem com mais frequência esta prática como mais adequada do que as mães (média = 0,96), $t(399,09) = 2,208$, $p = 0,028$; “mandar a criança para o quarto sem fechar a porta”, em que os pais (média = 0,78), percebem com mais frequência, esta prática como mais adequada do que as mães (média = 0,69), $t(443,279) = 2,036$ $p = 0,042$; “explicar á criança o que fez mal” em que os pais (média = 0,99) percebem com mais frequência esta prática como mais adequada do que as mães (média = 0,98), $t(350,625) = 1,974$ $p = 0,049$ e “bater com cinto” em que os pais (média = 0,94) percebem com mais frequência esta prática como mais adequada do que as mães (média = 0,98) $t(354,293) = 2,233$, $p = 0,026$.

b) Comparação dos resultados quanto ao estado civil

Tabela 16– Diferenças significativas entre o estado civil quanto as práticas educativas

Comportamentos		Nº	Média	<i>f</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Explicar á criança o que fez mal	Solteiros (as)	224	2,77	3	4,451	0,004
	Casados (as)	202	2,77			
	Divorciados/separados	15	3,00			
	Viúvos (as)	7	2,00			

Essa comparação foi feita recorrendo a análise estatística Anova, e de acordo com os dados obtidos, (Tabela 16) existem apenas diferenças significativas no item: “ explicar á criança o que fez mal” onde os divorciados (média = 3) $f(3) = 4,451$, $p = 0,004$, apresentam maior frequência desta prática do que os restantes grupos.

Tabela 17– Diferenças significativas entre o estado civil quanto a adequação das práticas educativas

Comportamentos	Estado civil	Nº	Média	<i>f</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
Elogiar a criança quando se porta bem	Solteiro (a)	224	0,98	3	3,556	0,014
	Casado (a)	202	1,00			
	Divorciado/separado	15	1,00			
	Viúvo (a)	7	0,86			
Bater com outros objetos (não mencionados atrás)	Solteiro (a)	224	0,92	3	3,797	0,010
	Casado (a)	202	0,97			
	Divorciado/separado (a)	15	1,00			
	Viúvo (a)	7	0,71			
Dizer a criança que nunca devia ter nascido	Solteiro (a)	224	0,99	3	3,830	0,10
	Casado (a)	202	0,99			
	Divorciado/separado (a)	15	1,00			
	Viúvo (a)	7	0,86			
Dizer que não se gosta da criança	Solteiro (a)	224	0,99	3	3,830	0,10
	Casado (a)	202	0,99			
	Divorciado/separado (a)	15	1,00			
	Viúvo (a)	7	0,86			
Dar sermões	Solteiro (a)	224	0,64	3	4,005	0,008
	Casado (a)	202	0,63			
	Divorciado/separado (a)	15	0,27			
	Viúvo (a)	7	0,29			
Bater na criança deixando marcas	Solteiro (a)	224	0,99	3	3,127	0,26
	Casado (a)	202	0,99			
	Divorciado/separado (a)	15	1,00			
	Viúvo (a)	7	0,86			

Os dados obtidos (Tabela 17) indicam que não há diferenças estatisticamente significativas na maior parte dos itens excepto em “elogiar a criança quando se porta bem”, diferença verificada entre os viúvos (média 0,86) percebem com maior frequência esta prática como inadequada em relação aos casados (média = 1,00) e aos divorciados (média = 1,00) $f(3) = 3,556, p = 0,014$, “bater com outros objectos (não mencionados atrás) especificar” em que os viúvos (0,71) percebem esta prática como adequada com mais frequência em relação aos divorciados (média = 1,00) $f(3) = 3,797, p = 0,010$, “Dizer a criança que nunca devia ter nascido” em que ainda os viúvos (média = 0,86) acham esta prática adequada em relação aos divorciados (média = 1,00) $f(3) = 3,830, p = 0,010$, “Dizer que não se gosta da criança” em também os viúvos (média = 0,86) acham também esta atitude adequada em relação aos divorciados (média = 1,00) $f(3) = 3,830, p = 0,010$, “dar sermões” em que os divorciados (média = 0,27) percebem com mais frequência esta prática como adequada em relação aos casados (média = 0,63) e aos solteiros (média = 0,64), $f(3) = 4,005, p = 0,008$ e “bater na criança deixando marcas” em os viúvos (média = 0,86) percebem esta prática como adequada em relação ao divorciados (média 1,00) $f(3) = 3,127, p = 0,026$.

c)- Comparação quanto a Profissão

Tabela 18– Diferenças significativas entre as profissões quanto as práticas educativas

Práticas Educativas Parentais em Crianças dos Zero aos Doze Anos da Província de Benguela

Práticas educativas	Profissões	Nº	Média	df	f	p
Bater no rabo com a mão	Indústria	6	0,83	8	2,305	0,020
	Saúde	35	1,40			
	Forças de segurança pública	27	1,52			
	Trabalhadores indiferenciados	45	1,56			
	Operários especializados	86	1,66			
	Ensino	115	1,71			
	Doméstica	39	1,85			
	Agricultura	37	2,03			
Puxar as orelhas	Comércio	60	2,07			
	Trabalhadores indiferenciados	45	1,38	8	2,075	0,037
	Indústria	6	1,67			
	Saúde	35	1,71			
	Operário especializado	86	1,76			
	Forças de segurança pública	27	1,85			
	Doméstica	39	1,90			
	Ensino	115	2,04			
Agricultura	37	2,08				
Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta	Comércio	60	2,10			
	Indústria	6	1,00	8	2,621	0,031
	Saúde	35	1,74			
	Operário especializado	86	2,03			
	Doméstica	39	2,03			
	Ensino	115	2,17			
	Forças de segurança pública	27	2,19			
	Trabalhador indiferenciado	45	2,31			
Comércio	60	2,35				
Dar palmadas no rabo, braço ou pernas	Agricultura	37	2,38			
	Indústria	6	1,17	8	2,051	0,039
	Saúde	35	1,63			
	Forças de segurança pública	27	1,78			
	Ensino	115	1,79			
	Doméstica	39	1,82			
	Operário especializado	86	1,85			
	Trabalhador indiferenciado	45	1,89			
Agricultura	37	2,16				
Bater com outros objetos (não mencionados atrás)	Comércio	60	2,30			
	Indústria	6	1,17	8	4,202	0,000
	Saúde	35	2,40			
	Forças de segurança pública	27	2,48			
	Trabalhador indiferenciado	45	2,58			
	Doméstica	39	2,59			
	Ensino	115	2,64			
	Agricultura	37	2,68			
Operário especializado	86	2,77				
Atirar objetos	Comércio	60	2,87			
	Indústria	6	2,00	8	2,871	0,004
	Saúde	35	2,34			
	Forças de segurança pública	27	2,48			
	Doméstica	39	2,56			
	Ensino	115	2,64			
	Agricultura	37	2,70			
	Comércio	60	2,78			
Trabalhador indiferenciado	45	2,84				
Insultar	Operário especializado	86	2,87			
	Indústria	6	2,00	8	2,119	0,033
	Forças de segurança pública	27	2,15			
	Doméstica	39	2,36			
	Agricultura	37	2,43			
	Saúde	35	2,46			
	Trabalhador indiferenciado	45	2,60			
	Ensino	115	2,62			
Operário especializado	86	2,70				
Ameaçar a criança de que lhe vai bater	Comércio	60	2,70			
	Indústria	6	0,17	8	3,762	0,000
	Saúde	35	1,03			
	Ensino	115	1,49			
	Trabalhador indiferenciado	45	1,51			
	Operário especializado	86	1,53			
	Doméstica	39	1,85			
	Forças de segurança pública	27	1,85			
Agricultura	37	1,95				
	Comércio	60	1,95			

Tabela 18– Diferenças significativas entre as profissões quanto as práticas educativas (cont.)

Práticas educativas	Profissões	Nº	Média	df	f	p
Bater á criança deixando marcas (especifique)	Indústria	6	2,17	8	2,693	0,007
	Saúde	35	2,66			
	Forças de segurança pública	27	2,66			
	Agricultura	37	2,81			
	Trabalhador indiferenciado	45	2,87			
	Doméstica	39	2,87			
	Ensino	115	2,91			
	Comércio	60	2,92			
	Operário especializado	86	2,94			
Bater á criança deixando ferimentos (especifique)	Indústria	6	1,83	8	4,889	0,000
	Saúde	35	2,71			
	Forças de segurança pública	27	2,85			
	Doméstica	39	2,87			
	Trabalhador indiferenciado	45	2,89			
	Ensino	115	2,90			
	Agricultura	37	2,92			
	Comércio	60	2,93			
	Operário especializado	86	2,97			

A comparação das práticas educativas por profissão, foi feita com recurso a análise estatística Anova, (Tabela 18), constatou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as ocupações dos pais/encarregados de educação nas seguintes práticas educativas: “Bater no rabo com a mão” em que os da indústria (média = 0,83) apresentam maior frequência desta prática em relação aos comerciantes (média = 2,07) $f(8) = 2,303$, $p = 0,020$; “puxar as orelhas” em que os dos trabalhadores indiferenciados (média = 1,83) apresentam maior frequência desta prática em relação aos comerciantes (média = 2,10) $f(8) = 2,075$, $p = 0,037$; “mandar a criança para o quarto sem fechar a porta” em que os da indústria (média = 1,00) aparecem com maior frequência em relação aos comerciantes e aos agricultores todos com (média = 2,35) $f(8) = 2,621$, $p = 0,031$; “dar palmadas na mão braço ou perna” em que os da indústria (média = 1,17), aparecem com maior frequência desse comportamento em relação aos comerciantes (média = 2,30) $f(8) = 2,051$, $p = 0,039$; “bater com outros objectos (não mencionados atrás) especificar” em que os da indústrias (média 1,17) apresentam maior frequência desta prática em relação á outros profissionais $f(8) = 4,202$, $p = 0,000$; “atirar objetos” os da indústria (média 2,00) aparecem maior frequência desta prática em relação aos trabalhadores indiferenciados (média = 2,60) e aos operários especializados (média = 2,87) $f(8) = 2,871$, $p = 0,004$; “insultar”, em que os da indústria (média = 2,00) aparecem com maior frequência em relação á outros profissionais $f(8) = 2,118$, $p = 0,033$; “ameaçar a criança de que se lhe vai bater”, em que os da industria (média = 0,71) e os da saúde (média = 1,03, apresentam maior frequência na utilização dessa prática em relação á outros profissionais $f(8) = 3,762$, $p = 0,000$; “bater na criança deixando marcas (especifique as marcas)” em que os da industria (2,17) e os da saúde

(média = 2,66) apresentam maior frequência no uso dessa prática em relação á outros profissionais $f(8) = 2,693$, $p = 0,007$; “bater na criança deixando ferimentos (especifique)”, em os da indústria (média 1,83), apresentam maior frequência dessa prática em relação á outros profissionais $f(8) = 4,889$, $p = 0,000$.

Tabela 19– Diferenças significativas entre as profissões quanto a adequação das práticas educativas

Praticas educativas	Profissões	Nº	Média	df	f	p
Bater no rabo com a mão	Trabalhador indiferenciado	45	0,27	8	1,998	0,045
	Saúde	35	0,37			
	Comerciante	60	0,043			
	Doméstica	39	0,49			
	Operário especializado	86	0,51			
	Ensino	115	0,55			
	Forças de segurança pública	27	0,56			
	Agricultura	37	0,47			
	Indústria	6	0,67			
Bater com cinto	Indústria	6	0,67	8	2,304	0,020
	Forças de segurança pública	27	0,93			
	Trabalhador indiferenciado	45	0,93			
	Ensino	115	0,97			
	Saúde	35	0,97			
	Agricultura	37	0,97			
	Doméstica	39	0,97			
	Operário especializado	86	0,98			
	Comércio	60	0,98			
Bater com outros objetos (não mencionados atrás)	Indústria	6	0,67	8	2,365	0,017
	Doméstica	39	0,87			
	Saúde	35	0,89			
	Forças de segurança pública	27	0,93			
	Operário especializado	86	0,93			
	Trabalhador indiferenciado	45	0,96			
	Ensino	115	0,96			
	Agricultura	37	0,97			
	Comerciante	60	1,00			
	Agricultura	37	0,97			
	Doméstica	39	0,97			
	Ensino	115	1,00			
	Indústria	6	1,00			
	Comércio	60	1,00			
	Operário especializado	86	1,00			
	Trabalhador indiferenciado	45	1,00			
	Forças de segurança pública	27	1,00			
Dizer a criança “se te portares mal não gosto de ti”	Indústria	6	0,33	8	1,977	0,048
	Saúde	35	0,83			
	Operário Especializado	86	0,84			
	Trabalhador indiferenciado	45	0,84			
	Ensino	115	0,85			
	Comércio	60	0,87			
	Forças de segurança pública	45	0,89			
	Doméstica	39	0,90			
	Agricultura	37	0,92			
Bater na criança deixando marcas	Saúde	35	0,91	8	2,274	0,022
	Forças de segurança pública	27	0,96			
	Operário especializado	86	0,99			
	Ensino	115	0,99			
	Agricultura	37	1,00			
	Industria	6	1,00			
	Comerciante	60	1,00			
	Trabalhador indiferenciado	45	1,00			
	Doméstica	39	1,00			

Comparando as profissões dos participantes quanto a adequação das práticas educativas, (Tabela 19) encontramos diferenças estatisticamente significativas nas seguintes

questões: “bater no rabo com a mão” em que os trabalhadores indiferenciados, (média 0,27) percebem com mais frequência, esta prática como adequada em relação a outros profissionais, $f(8) = 1,998$, $p = 0,045$; “Bater com cinto”, e “bater com outros objetos (não mencionados atrás) onde os da indústria (média = 0,67) em ambas, percebem com maior frequência estas práticas com mais adequada do que os dos outros grupos, $f(8) = 2,304$, $p = 0,020$ e $f(8) = 2,365$, $p = 0,017$ respetivamente; “Dizer a criança que nunca devia ter nascido”, em os da saúde (média = 0,91), percebe esta atitude como adequada em relação aos outros grupos; “dizer “se te portares mal não gosto de ti”, em que os ainda os da indústria (média = 0,33) percebem com mais frequência esta prática como mais adequada em relação aos outros $f(8) = 1,977$, $p = 0,048$ e “bater a criança deixando marcas (especifique)”, em que os da saúde (média = 0,94), percebem esta atitude como adequada em relação aos outros grupos $f(8) = 2,274$, $p = 0,002$.

d) Comparação quanto á faixa etária

Tabela 20– Diferenças significativas entre a faixa etária quanto as práticas educativas

Práticas educativas	Faixa etária	Nº	Média	df	f	p
Dar conselhos	18 á 25	83	2,39	3	3,457	0,016
	26 á 35	158	2,61			
	36 á 45	145	2,68			
	46 á 55	64	2,75			
Total		450				

Os dados da Tabela 20 amostram-nos que não há diferenças estatisticamente significativas entre as faixas etárias em todos os casos com excepção do item dar conselhos, em os elementos da faixa etária dos 18 á 25 anos (média = 2,39) apresentam baixa frequência na utilização desta prática educativa em relação aos elementos das outras faixas etárias $f(3) = 3,457$, $p = 0,016$.

Tabela 21– Diferenças significativas entre a faixa etária quanto a adequação das práticas educativas

Práticas educativas	Faixa etária	Nº	Média	df	f	p
Dar bofetadas na cara, cabeça ou orelhas	46 á 55	64	0,88	3	2,696	0,046
	36 á 45	145	0,90			
	26 á 35	158	0,95			
	18 á 25	83	0,98			
Fechar num quarto escuro	26 á 35	158	0,94	3	2,640	0,049
	46 á 55	64	0,95			
	18 á 25	83	0,99			
	36 á 45	145	0,99			
Bater no rabo com um objecto duro	26 á 35	157	0,92	3	2,785	0,040
	46 á 55	64	0,94			
	18 á 25	83	0,98			
	36 á 45	145	0,99			

Os resultados (Tabela 21) dão evidências de uma diferença estatisticamente significativa nos itens seguintes: “dar bofetada na cara, cabeça ou orelhas” em que os pais da faixa etária dos 46 á 50 (média = 0,88), concebem com mais frequência esta prática como adequado em relação aos da faixa etária dos 18 á 25 anos (média = 0,98) $f(3) = 2,696$, $p = 0,046$; “fechar num quarto escuro”, em que os da faixa etária 26 á 35 anos (média = 0,94), acham esta prática como adequada em os da faixa etária 18 á 25 e dos 36 á 45 ambas com (média = 0,99) $f(3) = 0,640$, $p = 0,049$ e “bater no rabo com um objecto duro” em os da faixa etária dos 26 á 35 anos concebem com maior frequência esta atitude como adequada em comparação com os da faixa etária 36 á 45 anos $f(3) 2,785$, $p = ,040$.

e)- Comparação quanto às habilitações literárias

Tabela 22 – Diferenças significativas entre as habilitações literárias quanto as práticas educativas

Praticas educativas	Faixa etária	Nº	Média	df	f	p
Bater no rabo com a mão	Até á 4ª classe	40	1,60	4	2,799	0,026
	Ensino médio	241	1,64			
	Ensino Superior	77	1,65			
	Até á 8ª classe	87	2,06			
	Mestre	5	2,20			
Fechar a criança num quarto escuro	Mestre	5	2,40	4	2,823	0,025
	Até 4ª classe	40	2,55			
	Ensino médio	241	2,82			
	Ensino Superior	77	2,84			
	Até a 8ª Classe	87	2,87			
Dar palmadas na mão, braço ou pernas	Mestre	5	1,60	4	2,715	0,029
	Ensino superior	77	1,77			
	Ensino médio	241	1,80			
	Até á 4ª classe	40	2,00			
	Até a 8ª classe	87	2,22			
Ameaçar a criança de que lhe vai bater	Mestre	5	0,80	4	5,396	0,000
	Ensino superior	77	1,29			
	Ensino médio	241	1,52			
	Até á 4ª classe	40	1,80			
	Até á 8ª classe	87	2,03			
Dar sermões	Mestre	5	1,20	4	2,861	0,023
	Ensino médio	241	1,66			
	Ensino superior	77	1,95			
	Até á 4ª classe	40	2,00			
	Até á 8ª classe	87	2,10			
Bater á criança deixando ferimentos (especifique)	Até á 4ª classe	40	2,63	4	3,654	0,006
	Mestre	5	2,80			
	Ensino superior	77	2,87			
	Ensino médio	241	2,91			
	Até á 8ª classe	87	2,95			

Comparando as práticas educativas com as suas habilitações literárias dos participantes, (Tabela 22) verificamos diferenças estatisticamente significativas nos seguintes itens: “bater no rabo com a mão” em que os pais com habilitações literárias até á 4ª classe (média = 1,60) apresentam maior frequência na utilização desta prática do que os mestres (média = 2,20) $f(4) = 2,799$, $p = 0,026$; “fechar a criança num quarto á chave”

em que os participantes com o grau de mestre (média = 2,40) utilizam com mais frequência esta prática do que os participantes da 5ª classe até a 8ª classe (média = 2,87), $f(4) = 2,823$, $p = 0,026$; “dar palmadas na mão, braço e pernas” em que os pais com o grau de mestre (média = 1,60) usam com mais frequência esta prática em relação os pais da 5ª classe até a 8ª classe (média = 2,22), $f(4) = 2,715$, $p = 0,029$; “ameaçar a criança de que se vai bater” em que os mestres (média = 0,80) apresentam maior frequência desta prática do que os da 5ª classe até a 8ª classe (média = 2,03), $f(4) = 5,396$, $p = 0,000$; “dar sermões” em que os mestres (média = 1,20) usam com mais frequência esta atitude do que os da 5ª classe até a 8ª classe (média = 2,03), $f(4) = 2,861$, $p = 0,023$; “bater á criança deixando ferimentos (especifique) ” em os participante com habilitações literárias até a 4ª classe (média = 2,63) utilizam com mais frequência esta prática do que os participantes da 5ª classe até a 8ª classe (média = 2,95), $f(4) = 3,654$, $p = 0,006$.

Tabela 23 – Diferenças significativas entre as habilitações literárias quanto á adequação das práticas educativas

Praticas educativas	Faixa etária	Nº	Média	df	f	p
A mãe ameaça a criança que o pai lhe vai bater	Mestre	5	0,20	4	2,617	0,035
	Ensino superior	76	0,41			
	Até á 4ª classe	40	0,53			
	Ensino médio	241	0,53			
	Até á 8ª classe	87	0,63			
Dar uma sova com a mão	Até á 4ª classe	40	0,70	4	2,691	0,031
	Até á 8ª classe	87	0,72			
	Ensino médio	241	0,77			
	Ensino superior	77	0,99			
	Mestre	5	1,00			
Bater com cinto	Até á 4ª classe	40	0,85	4	4,106	0,003
	Ensino médio	241	0,97			
	Até á 8ª classe	87	0,98			
	Ensino superior	77	0,99			
	Mestre	5	1,00			

Os dados da (Tabela 23), indicam diferenças estatisticamente significativas em:” mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater” em que os mestre (média = 0,20), percebem essa prática como menos adequada do que do que os pais com habilitações 5ª classe até 8ª classe (média = 0,63) $f(4) = 2,617$, $p = 0,035$; “dar uma sova com a mão” em os pais com habilitações literárias até a 4ª classe (média = 0,70) percebem esta atitude como mais adequada em relação aos mestres (média = 1,00) $f(4) = 2,691$, $p = 0,031$ e “bater com cinto” em que os pais com habilitações literárias até a 4ª classe (média = 0,85) também percebem esta prática com mais adequada do que os mestres (média = 1,00), $f(4) = 4,106$, $p = 0,003$.

9- Discussão Dos Resultados

O presente estudo teve como objectivos identificar as práticas educativas parentais utilizadas e comparar as práticas educativas parentais tendo em conta o género, profissão, habilitações literárias, estado civil e a faixa etária dos pais/encarregados de educação da amostra da população Benguelense.

3.9.1-Identificação das Práticas educativas parentais dos pais/encarregados de educação da amostra benguelense

Verificando as frequências das práticas educativas parentais (tabela 6), apesar de alguns encarregados terem usado práticas menos aconselháveis, como por exemplo “ameaçar a criança de que lhe vai bater e dar sermões” com 24,7% e 24% respetivamente, encontramos que as mais usadas são as consideradas aceitáveis para promoção de comportamentos sociais e um desenvolvimento integral da criança. Afinal, a família, constitui o principal meio de estimulação de padrões de relacionamento e competências sociais e uma das suas grandes funções é socialização o individuo, mediante uma comunicação familiar afetiva e de exemplos práticos do modo de proceder., durante a qual, os pais vão fornecendo componentes que ajudam os filhos controlar os seus comportamentos e aptidões para poderem discriminar de tais comportamentos nas suas futuras relações, bem como mostrar aos filhos as consequências que os seus comportamentos podem trazer para os outros. (Del Prette & Del Prette, 1999; Gomide, 2003; Silva & Marturano, 2002; Alvarenga 2001).

Quanto a classificação das práticas educativas em adequadas e inadequadas (tabela 7) os dados indicam que alguns pais/encarregados de educação da amostra, percecionam com alguma frequência que as práticas educativas parentais punitivas são as mais adequadas para a educação dos filhos. Neste contexto esses pais podem desenvolver em seus filhos apatia, medo, desinteresse, insegurança, baixa auto- estima e outros comportamentos anti-sociais. (Gomide, 2001, Alvarenga & Piccinini, 2001, Ferreira & Marturano, 2002, Reppold, Pacheco & Hutz, 2005).

3.9.2- Comparação das prevalências das práticas educativas parentais da amostra angolana (Benguela) com as da amostra portuguesa (Região Norte)

Na comparação das prevalências das práticas educativas parentais dos pais angolanos (Benguela) com os pais portugueses (Região Norte). Os dados da tabela 8 (maus tratos

físicos) mostram-nos que alguns pais angolanos, admitiram recorrer a tais práticas, com maior incidência em bater com outros objectos, atirar objectos e bater com cinto. Já os dados da tabela 9 (maus tratos emocionais) indicam-nos que, apesar de ser menos de uma vez por mês, os pais benguelenses (angolanos) apresentam maior percentagem no uso destes comportamentos comparando com a amostra portuguesa, principalmente em insultar a criança, fechar a criança num quarto escuro e fechar a criança num quarto à chave. A tabela 10 (comportamentos que podem ser fisicamente abusivos) os dados dizem-nos também que a amostra benguelense recorrem a estes comportamentos do que os portugueses, com maior frequência em dar uma sova e dar várias bofetadas. Quanto a tabela 11 (punição física) verifica-se que os pais benguelenses usam com maior frequência a punição física com prática educativa comparada com os portugueses. Relativamente a tabela 12 (práticas educativas inadequadas), os resultados indicam-nos que estas são usadas pelos progenitores benguelenses da presente amostra, mas, comparando as duas amostras, os portugueses apresentam maior índice na utilização desse comportamento. A tabela 13 (práticas adequadas), os dados obtidos evidenciam que ambas têm quase a mesma frequência em termos percentuais, com excepção em castigar a criança retirando-lhe as coisas de que gosta em que os portugueses apresentam maior percentagem.

3.9.3- Comparação dos resultados por género

Na comparação das práticas educativas quanto ao género, os dados mostram-nos que não há diferenças estatisticamente significativas excepto ao item (atirar objectos) que apesar de ser utilizado com menor frequência, com uma percentagem acumulativa de 16%, e, só 1,6% responderam ser uma prática adequada, os dados indicam que as mães recorrem com maior frequência a esta prática, em relação aos pais. Atirar objectos, faz parte dos maus tratos físicos, que têm reflexos negativos no desenvolvimento infantil e que pode desencadear comportamentos delinquentes, distúrbios psíquicos, défices cognitivos e sociais emocionais, etc. Gomide (2004), afirma que *“os maus tratos físicos atingem o ser da criança e não seu comportamento, criança agredida com frequência perde a capacidade de discriminar o certo do errado em seu comportamento”*.

Quanto a adequação das práticas educativas, os pais percebem que “mandar a criança para o quarto sem fechar a porta e explicar à criança o que fez mal” são práticas adequadas para a educação dos filhos, enquanto que há uma tendência de as mães utilizarem comportamentos coercitivos como práticas educativas, pois as percebem

como adequadas. Tratando-se de práticas educativas consideradas negativas, o pensamento dos pais, vai de encontro com muitos teóricos que negam o uso destas estratégias na educação dos filhos, pois sendo elas coercitivas têm repercussões negativas no desenvolvimento psicossocial das crianças. E são considerados como factores de risco que podem comprometer a saúde, o bem-estar e o desempenho social do indivíduo. (Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz 2002; Silva e Hutz 2002).

Realçar que explicar á criança o que fez mal deve ser longo após a ocorrência do mau procedimento, permitindo que a criança avalie o seu comportamento. Segundo Hoffmam (1975,1994). Citado por Hutz (2002), com as explicações os pais fazem com que a criança compreenda as implicações das suas acções e os motivos que justificam a mudança do seu comportamento. E em crianças pré-escolares as explicações devem ser breves e claras para não confundir á criança. Baumrind (1997) citi in Hutz.

3.9.4- Comparação dos resultados quanto ao estado civil

Os dados mostram que os viúvos, tendem a utilizar com maior frequência práticas educativas consideradas como inadequadas, nas relações com seus filhos. E os maus tratos afetam negativamente no desenvolvimento das áreas da cognição, linguagem, desempenho académico e desenvolvimento sócio emocional, e são considerados como factores de risco podendo desencadear comportamentos anti-sociais. (Gomide (2003; Barnett (1997)).

3.9.5- Comparação das práticas educativas parentais quanto á profissão

Os resultados evidenciam que os industriais utilizam com maior frequência as práticas coercitivas comparados com os outros profissionais. E quanto a sua adequação os industriais e os do sector da saúde percecionam com mais frequências as práticas punitivas como adequadas. Tais práticas têm repercussões negativas em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial das crianças, tais como o desenvolvimento de comportamento apático e agressivo, tendência a delinquência, medo, raiva, insegurança, ansiedade e outros comportamentos que podem interferir no funcionamento cognitivo da criança. (Alvarenga & Piccinini, 2001, Bolsoni-Silva & Marturano, 2002, Ferreira & Marturano, 2002, Reppold, Pacheco & Hutz, 2005

3.9.6- Comparação das práticas educativas quanto á faixa etária

Os dados indicam que os participantes da faixa etária dos 18 á 25 anos, apresentam menor frequência em dar conselhos como prática educativa. Dar conselhos, faz parte das estratégias indutivas, que ajudam à criança a compreender as implicações que advêm das suas ações e, os motivos que justificam para mudança do seu comportamento, capacitando-a, com determinada autonomia para que possa utilizar os conselhos dados em situações futuras Pois, ao dar conselhos aos seus filhos os pais, vão dando explicações sobre o comportamento da criança e as suas consequências bem como explicações a respeito de regras, princípios e valores. E essa prática educativa é preditoras para o desenvolvimento da autonomia no indivíduo, e influenciam de forma efetiva na internalização de padrões, regras e valores morais. Baumrind, 1997, cit in, Hutz, 2002 p.17). Por outro lado, Hutz, (2002) citando Hoffman 1983;Alvarenga, 2000, Ceballos & Rodrigo, 2003, Hutz, 2002). Logo a não utilização dessa prática educativa, os pais fazem com que os seus filhos não desenvolvam tais habilidades.

Quanto a adequação das mesmas os participantes das faixas etárias dos 26 á 35 anos e dos 46 á 55 anos, tendem a perceber com maior frequência as práticas educativas punitivas com adequadas. E tais práticas podem ser determinantes do problema de comportamento em crianças e neste caso a Família pode ser apontada como um fator de risco (Patterson et al. 1992; 2002)

3.9.7- Comparação das práticas educativas e sua adequação quanto as habilitações literárias

Os resultados mostram-nos que os participantes com o nível académico mais elevado tendem a utilizar mais comportamentos emocionalmente abusivos como práticas educativas, assim como têm a percepção de que são mais adequadas, como por exemplo *dar sermões*. A violência psicológica pode influenciar prejudicar a criança em estágio de desenvolvimento, causando prejuízos nas áreas pensamentos intrapessoais, saúde emocional habilidade sociais aprendizagem e saúde física (American Academy of Pediatric, 2002) enquanto os participantes com nível académico baixo (até a 4ª classe) utilizam a punição física com mais frequência com práticas educativas e as acham mais adequadas. Como vimos uso frequente desta estratégia educativa pode deixar marcas muito profundas para toda a vida do indivíduo. Nenhum outro fator de risco tem uma

associação tão forte com a psicopatologia do desenvolvimento do que uma criança maltratada (Barnett, 1997).

Conclusões

Por ser um estudo do tipo transversal, descritivo exploratório, em que o maior objectivo é perceber a frequência com que os fenómenos acontecem, podemos inferir as seguintes conclusões:

1-Os resultados mostram-nos que os pais/encarregados de educação da presente amostra, utilizam com maior frequência práticas educativas consideradas adequadas, nas relações com os seus filhos, apresentando maiores percentagens em explicar a criança o que faz mal (97,8%), dar conselhos e elogiar a criança quando se porta bem (95,6%) respetivamente;

2-Apesar do acima exposto, também usam com alguma frequência práticas educativas fisicamente punitivas com maior recurso em bater no rabo com a mão (64,4%), dar palmadas nas mão cabeça ou pernas (56,2%), dar bofetadas na cara, cabeça ou orelhas (42,9%) e puxar as orelhas (55,1%);

3- Tandos os homens como as mulheres tendem a utilizar as mesmas estratégias educativas nas suas relações com os seus filhos, verificando diferenças estatisticamente insignificantes. Tendo encontrado resultados estatisticamente significativas quanto às habilitações literárias, ao estado civil, faixa etária e situação profissional.

4-Ainda os mesmos resultados indicam-nos o uso de práticas educativas emocionalmente abusivas com maior frequência em dar sermões (53,1%), ameaçar a criança de que se lhe vai bater (64%) e ameaçar a criança de que o pai lhe vai bater (43%).

5-Isto tudo, leva-nos a acreditar que os pais/encarregados de educação angolanos (benguelenses) utilizam uma multiplicidade de práticas educativas parentais, na educação dos seus filhos, onde os maus tratos, parecem tomar proporções alarmantes e constituírem um fator de risco para as crianças que vivenciam tal ambiente.

Este estudo possui implicações práticas no sentido de contribuir na esfera social e educacional pois os resultados apresentados poderão ser úteis para as famílias, sobretudo aos pais, uma vez que muitas poderão perceber como é salutar a participação envolvido na educação e aprendizagem dos seus filhos, procedendo de forma mais adequada de forma a garantir um desenvolvimento emocional, psicológico e comportamental mais saudável das suas crianças.

Bibliografia

- Alvarenga, P. (2001) Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. In: i HJ. Guilhard *Sobre comportamento e cognição*. Santo André: ESETe.
- Alvarez, C. (1998) *Pedagogia como ciência ou epistemologia da educação*. La Havana Editorial “Félix Varela.
- Ares, P. (2001), *Meu família é assim*. Editorial de ciências sociais, Havana,
- Árias, G. (2001), *Avaliação e diagnóstico em educação e o desenvolvimento*, São Paulo Cooper-Huggins, L. (2006). *Educar Adolescentes. Adaptação para a língua portuguesa* por Neves, José. - Porto Editora, Lda. Portugal.
- Gomide, P. (2008). *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. (2001). *Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social*.
- Gomide, P. (2006). *Inventário de Estilos Parentais – IEP: Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- González, M. (1995). *Psicologia para Educadores*. La Havana: Editorial Povo e Educação
- Hutz, C. (2005). *Violência e risco. A infância e adolescência*. Pesquisa e intervenção. Casa do Psicólogo, Livraria e Editora Ltda..
- Hutz, C. (2002). *Situação de Risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. Casa do psicólogo. Livraria e editora Ltda. 1ª Edição
- Lahire, B. (1997). *Sucesso Escolar nos meios populares: As razões do improvável*. Trad. R.A- Vasques & S. Goidfeder. São Paulo: Àtica.
- Lemay, M. (2006). *Que tem a família para oferecer á criança*. Climepsi Editores Lisboa.
- Gonçalves, M. & Matos. (2006). *Inventário de práticas educativas parentais*.
- Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. (2002). *Prevenção de problemas de comportamento o desenvolvimento de competências psicossociais em crianças: análise das práticas educativas dos estilos parentais*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Patterson, Reid, J. & Dishison, T. (1992). *Antisocial Boys*. USA: Castalia Publishing Company.

- Reppold, C., Pacheco, J.- Bardagi, M. & Hutz.C. (2002). *Prevenção de comportamentos e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das praticas Educativas e dos estilos parentais.*
- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). *Comportamento agressivo práticas disciplinares parentais.* São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005.
- Salvo, C.(2003). *Validação externa do inventário de estilos parentais: um estudo de caso com duas famílias pró-sociais* (monografia de Conclusão de curso de Psicologia). Paraná: Universidade Federal do Paraná.
- Silva, A. Del Prette, A; & Del Prette, Z.(2000). *Relacionamento pais e filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo,* Psicologia escolar e educação.
- Tiba, I (2002). *Quem ama, educa.* São Paulo: Editora Gente.

Anexo A

AO
EXCELENTÍSSIMO SENHOR
ADMINISTRADOR DO MUNICÍPIO DO
BENGUELA

B E N G U E L A

- Baia Farta
- Caimbambo
- Cubal
- Ganda
- Chongoroi
- Lobito
- Bocoio
- Balombo

Quero antes de tudo saudar-vos, desejando êxitos na execução da v. árdua mas honrosa tarefa.

Excelentíssimo, estando a decorrer um trabalho de pesquisa para elaboração da monografia para a defesa de tese de mestrado em psicologia clínica e da saúde.

Tendo necessidade de trabalhar com a população do vosso Município no sentido de obter dados sobre:

- Práticas Educativas Parentais em crianças e adolescentes desse Município, ou seja, que estratégias utilizam os pais na educação de seus filhos.

Venho através desta carta, solicitar que seja autorizado a trabalhar nesse sentido, com a colaboração da população em preencher o inventário de tais práticas.

Agradecendo antecipadamente a vossa colaboração, somos com atenção.

Benguela, 11 de Fevereiro de 2011.

MARIA DA GLÓRIA ROMÃO
“Mestranda”

Anexo B

I. P. E.

(C. MACHADO, M. GONÇALVES & M. MATOS, 2000; UNIVERSIDADE DO MINHO)

INSTRUÇÕES:

Vai encontrar de seguida perguntas sobre diferentes formas de os pais educarem os seus filhos. Pede-se que as **leia atentamente** e responda em relação a cada uma delas de acordo com a sua situação. Não existem respostas certas ou erradas. Por favor, tente responder de acordo com a sua experiência e **não como acha que deveria ser**.

Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

As respostas a este inquérito são **absolutamente anónimas**.

Obrigado pela sua colaboração!

DADOS PESSOAIS

Por favor responda às questões abaixo efectuadas, **sem indicar o seu nome**.

Idade: Sexo: M F Habilitações:

Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) / União de facto Divorciado(a) / Separado(a) Viúvo(a)

Profissão (se for estudante, indicar profissão dos pais):

Tem filhos? Sim Não Idades dos filhos:

Para além dos filhos, tem actualmente outras crianças a seu cargo? Sim Não

Para além dos filhos, já teve outras crianças a seu cargo? Sim Não

- A. VAI ENCONTRAR DE SEGUIDA UMA LISTA DE DIFERENTES FORMAS DE EDUCAR AS CRIANÇAS. SE FOR PAI OU MÃE DE CRIANÇAS/JOVENS COM MENOS DE 18 ANOS (OU TIVER OUTRAS CRIANÇAS A SEU CARGO), PREENCHA-A, TENDO EM CONSIDERAÇÃO O **ÚLTIMO ANO**. SE TIVER MAIS DO QUE UM FILHO COM MENOS DE 18 ANOS, RESPONDA EM RELAÇÃO À CRIANÇA QUE FOI A ÚLTIMA A FAZER ANOS EM CASA. CASO NÃO TENHA FILHOS OU OUTRAS CRIANÇAS MENORES A SEU CARGO, PASSE, POR FAVOR, PARA A PÁGINA 4.

Ao responder não se esqueça de ter em consideração somente o último ano

1. Dar conselhos

Nunca usei Usei uma única vez
Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

2. A mãe (ou substituta) ameaçar a criança que o pai lhe vai bater

Nunca usei Usei uma única vez
Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

3. Bater no rabo com a mão

Nunca usei Usei uma única vez
Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas

Nunca usei Usei uma única vez
Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

Práticas Educativas Parentais em Crianças dos Zero aos Doze Anos da Província de Benguela

Ao responder não se esqueça de ter em consideração somente o último ano

- 5. Puxar as orelhas**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 6. Dar um murro ou pontapé**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 8. Fechar num quarto à chave**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 9. Fechar num quarto escuro**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 10. Dar palmadas na mão, braço ou perna**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 11. Elogiar a criança quando se porta bem**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 12. Dar várias bofetadas**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 13. Abanar ou sacudir com força (crianças com menos de 2 anos de idade)**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 14. Abanar ou sacudir com força (crianças com mais de 2 anos de idade)**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 15. Bater no rabo com um objecto duro (p.ex., colher de pau, escova do cabelo)**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 16. Dar uma sova com a mão**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês
- 17. Explicar à criança o que fez mal**
 Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

Ao responder não se esqueça de ter em consideração somente o último ano

18. Bater com cinto

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás). Especificar _____

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

20. Atirar objectos

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

21. Insultar

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

23. Dizer à criança que nunca devia ter nascido

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti"

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

25. Dizer que não se gosta da criança

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

26. Dar "sermões"

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

27. Bater na criança deixando marcas (especifique as marcas _____)

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

28. Bater na criança deixando ferimentos (especifique _____)

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta (p. ex., não a deixar ver televisão)

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

30. Outros: (especificar _____)

Nunca usei Usei uma única vez
 Usei menos do que uma vez por mês Usei mais do que uma vez por mês

B. EM RELAÇÃO A CADA UMA DAS FORMAS DE EDUCAR AS CRIANÇAS ABAIXO INDICADAS ASSINALE SE AS CONSIDERA ADEQUADAS OU INADEQUADAS.

- | | |
|--|---|
| 1. Dar conselhos
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 16. Dar uma sova com a mão
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 2. A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 17. Explicar à criança o que fez mal
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 3. Bater no rabo com a mão
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 18. Bater com cinto
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás).
Especificar _____
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 5. Puxar as orelhas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 20. Atirar objectos
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 6. Dar um murro ou pontapé
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 21. Insultar
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 8. Fechar num quarto à chave
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 23. Dizer à criança que nunca devia ter nascido
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 9. Fechar num quarto escuro
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti"
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 10. Dar palmadas na mão, braço ou perna
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 25. Dizer que não se gosta da criança
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 11. Elogiar à criança quando se porta bem
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 26. Dar "sermões"
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 12. Dar várias bofetadas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 27. Bater na criança deixando marcas
(especifique as marcas _____)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 13. Abanar ou sacudir com força
(crianças com menos de 2 anos de idade)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 28. Bater na criança deixando ferimentos
(especifique _____)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 14. Abanar ou sacudir com força
(crianças com mais de 2 anos de idade)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta
(p. ex., não a deixar ver televisão)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 15. Bater no rabo com um objecto duro
(p.ex., colher de pau, escova do cabelo)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | |

B. EM RELAÇÃO A CADA UMA DAS FORMAS DE EDUCAR AS CRIANÇAS ABAIXO INDICADAS ASSINALE SE AS CONSIDERA ADEQUADAS OU INADEQUADAS.

- | | |
|--|---|
| 1. Dar conselhos
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 16. Dar uma sova com a mão
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 2. A mãe ameaçar a criança que o pai lhe vai bater
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 17. Explicar à criança o que fez mal
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 3. Bater no rabo com a mão
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 18. Bater com cinto
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 4. Dar uma bofetada na cara, cabeça ou orelhas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 19. Bater com outros objectos (não mencionados atrás).
Especificar _____
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 5. Puxar as orelhas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 20. Atirar objectos
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 6. Dar um murro ou pontapé
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 21. Insultar
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 7. Mandar a criança para o quarto, sem fechar a porta
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 22. Ameaçar a criança de que se lhe vai bater
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 8. Fechar num quarto à chave
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 23. Dizer à criança que nunca devia ter nascido
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 9. Fechar num quarto escuro
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 24. Dizer "se te portares mal não gosto de ti"
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 10. Dar palmadas na mão, braço ou perna
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 25. Dizer que não se gosta da criança
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 11. Elogiar à criança quando se porta bem
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 26. Dar "sermões"
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 12. Dar várias bofetadas
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 27. Bater na criança deixando marcas
(especifique as marcas _____)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 13. Abanar ou sacudir com força
(crianças com menos de 2 anos de idade)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 28. Bater na criança deixando ferimentos
(especifique _____)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 14. Abanar ou sacudir com força
(crianças com mais de 2 anos de idade)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | 29. Castigar a criança retirando-lhe coisas de que gosta
(p. ex., não a deixar ver televisão)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> |
| 15. Bater no rabo com um objecto duro
(p.ex., colher de pau, escova do cabelo)
Adequado <input type="checkbox"/> Inadequado <input type="checkbox"/> | |